

EXPEDIENTE

O Caderno nº 9 - "Valores de uma prática militante", é uma publicação da Consulta Popular.

Edição e Editoração Eletrônica: Secretaria Operativa da Consulta Popular

Pedidos:

Editora Expressão Popular

Telefax: (11) 31059500

Rua Vicente Prado, 134 - 01321-020 - São Paulo - SP

Correio eletrônico: vendas@expressaopopular.com.br

Leonardo Boff, professor de teologia, filosofia, espiritualidade e de ecologia. Assessora comunidades de base, dá cursos em universidades brasileiras e estrangeiras. Publicou vários livros.

Os textos foram extraídos do livro: SABER CUIDAR: Ética do humano - compaixão pela terra, capítulos VII e IX, Editora Vozes, 1999. Autorizado pelo autor.

Frei Betto - frade dominicano, jornalista, escritor e consultor do MST e CMP.

Ademar Bogo - dirigente do MST

4ª edição - outubro de 2005

ÍNDICE

Apresentação	3
I - Saber cuidar: ética do humano	5
- Introdução	6
1. Cuidado com o nosso único planeta	10
2. Cuidado com o próprio nicho ecológico	12
3. Cuidado com a sociedade sustentável	13
4. Cuidado com o outro, animus e anima	15
5. Cuidado com os pobres, oprimidos e excluídos	17
6. Cuidado com nosso corpo na saúde e na doença	18
7. Cuidado com a cura integral do ser humano	22
8. Cuidado com a nossa alma, os anjos e os demônios interiores	24
9. Cuidado com o nosso espírito, os grandes sonhos e Deus	25
10. Cuidado com a grande travessia, a morte	28
II - A prática dos novos valores	33
Trajetória pessoal e a história recente do Brasil	34
Sob a ditadura militar	36
As lições da prisão	38
O trabalho com o povo	40
O estudo e a militância	42
Os valores da nova sociedade	43
III - Valores que deve cultivar um lutador do povo	47
Introdução	48
1º O valor da solidariedade	51
2º O valor da indignação	52
3º O valor do compromisso	54
4º O valor da coerência	56
5º O valor da esperança	59
6º O valor da confiança	60
7º O valor da alegria	63
8º O valor da ternura	65
9º O valor da mística em forma de utopia	67
10º O valor dos símbolos	71

APRESENTAÇÃO

O tema da prática de novos valores na nossa sociedade está presente em muitos cursos de formação dos movimentos sociais, das pastorais e dos monitores da Consulta Popular.

Mais do que um tema de estudo, de reflexão, estamos convencidos de que a construção de uma nova sociedade, sem exploradores nem explorados, está diretamente relacionada com os valores que desde logo vamos praticando, projetando e dando exemplo. Mudar a sociedade não é apenas mudar os proprietários dos meios de produção, mudar o regime político, transformar as classes sociais. Mas é sobretudo a transformação do homem e da mulher novos, baseada em novas relações pessoais e sociais, que transformem a natureza e os objetivos de nossa própria existência.

Reunimos aqui reflexões de três grandes intelectuais orgânicos de nossos movimentos. Cada um procurando abordar a partir de uma perspectiva. E todos nos levando a refletir sobre a necessidade de mudar a nossa prática cotidiana para que possamos construir uma ética da transformação social revolucionária, como disse Boff: “nossos cuidados devem servir de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade, com o mundo que sonhamos construir. E que não vai precisar de aparelhos eletrônicos, mas de novos seres humanos”.

Esperamos que essa cartilha possa ser utilizada em nossos cursos de formação, seminários, debates e sobretudo contribua para a reflexão sobre a nossa prática de militantes sociais. Uma pequena tarefa, só permitida a seres humanos, sonhadores e solidários.

São Paulo, fevereiro de 2000
Coordenação Nacional - Consulta Popular

I - SABER CUIDAR: ÉTICA DO HUMANO

Leonardo Boff

INTRODUÇÃO

Retomamos a reflexão sobre a natureza do cuidado essencial. A porta de entrada não pode ser a razão calculatória, analítica e objetivista. Ela nos levaria ao trabalho-intervenção-produção e aí nos aprisionaria. As máquinas e os computadores são mais eficazes que nós na utilização deste tipo de razão-trabalho.

Há algo nos seres humanos que não se encontra nas máquinas, surgido há milhões de anos no processo evolutivo quando emergiram os mamíferos, dentro de cuja espécie nos inscrevemos: o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado.

Um computador e um robô não têm condições de cuidar do meio ambiente, de chorar sobre as desgraças dos outros e de rejubilar-se com a alegria do amigo. Um computador não tem coração.

Só nós humanos podemos sentar-nos à mesa com o amigo frustrado, colocar-lhe a mão no ombro, tomar com ele um copo de cerveja e trazer-lhe consolação e esperança. Construímos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para dedicar-nos a elas. Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros. A categoria cuidado recolhe todo esse modo de ser. Mostra como funcionamos enquanto seres humanos.

Daí se evidencia que o dado originário não é o *logos**, a razão e as estruturas de compreensão, mas o *pathos*, o sentimento, a capacidade de simpatia e empatia, a dedicação, o cuidado e a comunhão com o diferente. Tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. É o sentimento que produz encantamento face à grandeza dos céus, suscita veneração diante

da complexidade da Mãe-Terra e alimenta enternecimento face à fragilidade de um recém-nascido.

Recordemos a frase do Pequeno Príncipe de Antoine de Saint Exupéry, que fez fortuna na consciência coletiva dos milhões de leitores: “É com o coração (sentimento) que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos”. É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, se chama cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indelévels e permanece definitivamente.

A reflexão contemporânea resgatou a centralidade do sentimento, a importância da ternura, da compaixão e do cuidado, especialmente a partir da psicologia profunda de Freud, Jung, Adler, Rogers e Hillman, e hodiernamente a partir da biologia genética e das implicações antropológicas da física quântica de Niels Bohr (1885-1962) e Werner Heisenberg (1901-1976).

Mais do que o cartesiano *cogito ergo sum**: penso, logo existo, vale o *sentio ergo sum*: sinto, logo existo. O livro de Daniel Goleman, *Inteligência Emocional*, transformou-se num best-seller mundial porque, à base de investigações empíricas sobre o cérebro e a neurologia, mostrou aquilo que já Platão (427-347 aC), Santo Agostinho (354-430), a escola franciscana medieval com S. Boaventura e Duns Scotus no século XIII, Pascal (1623-1662), Schleiermacher (1768-1834) e Heidegger (1889-1976) ensinaram há muito tempo: a dinâmica básica do ser humano é o *pathos*, é o sentimento, é o cuidado, é a lógica do coração. “A mente racional” - conclui Goleman - “leva um ou dois momentos mais para registrar e reagir do que a mente emocional; o primeiro impulso... é do coração, não da cabeça”.

Agora estamos em melhores condições para entender, em profundidade, a fábula-mito de Higino sobre o cuidado. O cuidado é tão essencial que é anterior ao espírito infundido por Júpiter e ao corpo fornecido pela Terra. Portanto, a concepção do ser humano como composto de espírito-corpo não é

originária. A fábula diz: "O cuidado foi quem primeiro moldou o ser humano". O cuidado se encontra antes, é um *a priori* ontológico, está na origem da existência do ser humano. E essa origem não é apenas um começo temporal. A origem tem um sentido filosófico de fonte donde brota permanentemente o ser. Portanto, significa que o cuidado constitui, na existência humana, uma energia que jorra ininterruptamente em cada momento e circunstância. Cuidado é aquela força originante que continuamente faz surgir o ser humano. Sem ela, ele continuaria sendo apenas uma porção de argila como qualquer outra à margem do rio, ou um espírito angelical desencarnado e fora do tempo histórico.

Foi com cuidado que "Cuidado" moldou o ser humano. Empenhou aí dedicação, ternura, devoção, sentimento e coração. E com isso criou responsabilidades e fez surgir a preocupação com o ser que ele plasmou. Essas dimensões, verdadeiros princípios constituintes, entraram na composição do ser humano. Viraram carne e sangue. Sem tais dimensões, o ser humano jamais seria humano. Por isso, a fábula-mito de Higino termina enfatizando que cuidado acompanhará o ser humano ao largo de toda a sua vida, ao longo de todo o seu percurso temporal no mundo.

Um psicanalista atento ao drama da civilização moderna como o norte-americano Rollo May podia comentar: "Nossa situação é a seguinte: na atual confusão de episódios racionalistas e técnicos perdemos de vista e nos despreocupamos do ser humano; precisamos agora voltar humildemente ao simples cuidado... é o mito do cuidado - e creio, muitas vezes, somente ele - que nos permite resistir ao cinismo e à apatia que são as doenças psicológicas do nosso tempo".

O que nossa civilização precisa é superar a ditadura do modo-de-ser-trabalho-produção-ditadura. Ela nos mantém reféns de uma lógica que hoje se mostra destrutiva da Terra e de seus recursos, das relações entre os povos, das interações entre capital e trabalho, de espiritualidade e de nosso sentido de pertença a

um destino comum. Libertados dos trabalhos estafantes e desumanizadores, agora feito pelas máquinas automáticas, recuperaríamos o trabalho em seu sentido antropológico originário, como plasmação da natureza e com atividade criativa, trabalho capaz de realizar o ser humano e de construir sentidos cada vez mais integradores com a dinâmica da natureza e do universo.

Importa colocar cuidado em tudo. Para isso urge desenvolver a dimensão *anima** que está em nós. Isso significa: conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.

Dar centralidade ao cuidado não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa renunciar à vontade de poder que reduz tudo a objetos, desconectados da subjetividade humana. Significa recusar-se a todo despotismo e a toda dominação. Significa impor limites à obsessão pela eficácia a qualquer custo. Significa derrubar a ditadura da racionalidade fria e abstrata para dar lugar ao cuidado. Significa organizar o trabalho em sintonia com a natureza, seus ritmos e suas indicações. Significa respeitar a comunhão que todas as coisas entretêm entre si e conosco. Significa colocar o interesse coletivo da sociedade, da comunidade biótica e terrenal acima dos interesses exclusivamente humanos. Significa colocar-se junto e ao pé de cada coisa que queremos transformar para que ela não sofra, não seja desenraizada de seu habitat e possa manter as condições de desenvolver-se e co-evoluir junto com seus ecossistemas e com a própria Terra. Significa captar a presença do Espírito para além de nossos limites humanos, no universo, nas plantas, nos organismos vivos, nos grandes símios gorilas, chimpanzés e orangotangos, portadores também de sentimentos, de linguagem e de hábitos culturais semelhantes aos nossos.

Estes são os antídotos ao sentimento de abandono que os

pobres e os idosos sentem. Estas são as medicinais contra o descuido que os excluídos, os desempregados, os aposentados, os idosos e os jovens denunciam na maioria das instituições públicas. Elas se preocupam cada vez menos com o ser humano e se ocupam cada vez mais com a economia, com as bolsas, com os juros, com o crescimento ilimitado de bens e serviços materiais, apropriados pelas classes privilegiadas à custa da dignidade e da compaixão necessárias face às carências das grandes maiorias. Este é o remédio que poderá impedir a devastação da biosfera e o comprometimento do frágil equilíbrio de Gaia. Este é o modo-de-ser que resgata a nossa humanidade mais essencial.

1. Cuidado com o nosso único planeta

Cuidado todo especial merece nosso planeta Terra. Temos unicamente ele para viver e morar. É um sistema de sistemas e superorganismo de complexo equilíbrio, urdido ao longo de milhões e milhões de anos. Por causa do assalto predador do processo industrialista dos últimos séculos esse equilíbrio está prestes a romper-se em cadeia. Desde o começo da industrialização, no século XVIII, a população mundial cresceu 8 vezes, consumindo mais e mais recursos naturais; somente a produção, baseada na exploração da natureza, cresceu mais de cem vezes. O agravamento deste quadro com a mundialização do acelerado processo produtivo faz aumentar a ameaça e, conseqüentemente, a necessidade de um cuidado especial com o futuro da Terra.

Parca é a consciência coletiva que pesa sobre o nosso belo planeta. Os que poderiam conscientizar a humanidade desfrutam gaiamente a viagem em seu Titanic de ilusões. Mal sabem que podemos ir ao encontro de um *iceberg* ecológico que nos fará afundar celeremente.

Trágico é o fato de que faltam instâncias de gerenciamento global dos problemas da Terra. A ONU possui cerca de 40 projetos que tratam de problemas globais, como os climas, o desflorestamento,

a contaminação do ar, dos solos e das águas, a fome, as epidemias, os problemas dos jovens, dos idosos, as migrações, entre outros. Ela é regida pelo velho paradigma das nações imperialistas que vêem os estados-nações e os blocos de poder mas não descobriram ainda a Terra como objeto de cuidado, de uma política coletiva de salvação terrenal.

Para cuidar do planeta precisamos todos passar por uma alfabetização ecológica e rever nossos hábitos de consumo. Importa desenvolver uma ética do cuidado.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) elaboraram uma estratégia minuciosa para o futuro da vida sob o título: "Cuidando do planeta Terra" (Caring for the Earth 1991). Aí estabelecem nove princípios de sustentabilidade da Terra. Projetam uma estratégia global fundada no cuidado:

1. Construir uma sociedade sustentável.
2. Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos.
3. Melhorar a qualidade da vida humana.
4. Conservar a vitalidade e a diversidade do planeta Terra.
5. Permanecer nos limites da capacidade de suporte do planeta Terra.
6. Modificar atitudes e práticas pessoais.
7. Permitir que as comunidades cuidem de seu próprio meio-ambiente.
8. Gerar uma estrutura nacional para integrar desenvolvimento e conservação.
9. Constituir uma aliança global.

Estes princípios dão corpo ao cuidado essencial com a Terra. O cuidado essencial é a ética de um planeta sustentável. Bem enfatizava o citado documento *Cuidando do planeta Terra*: "a ética

de cuidados se aplica tanto a nível internacional como a níveis nacional e individual; nenhuma nação é auto-suficiente; todos lucrarão com a sustentabilidade mundial e todos estarão ameaçados se não conseguirmos atingi-la". Só essa ética do cuidado essencial poderá salvar-nos do pior. Só ela nos rasgará um horizonte de futuro e de esperança.

2. Cuidado com o próprio nicho ecológico

O cuidado com a Terra representa o global. O cuidado com o próprio nicho ecológico representa o local. O ser humano tem os pés no chão (local) e a cabeça aberta para o infinito (global). O coração une chão e infinito, abismo e estrelas, local e global. A lógica do coração é a capacidade de encontrar a justa medida e construir o equilíbrio dinâmico.

Para isso cada pessoa precisa descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto de natureza, seja em sua dimensão de cultura. Precisa conhecer os irmãos e irmãs que compartilham da mesma atmosfera, da mesma paisagem, do mesmo solo, dos mesmos mananciais, das mesmas fontes de nutrientes; precisa conhecer o tipo de plantas, animais e microorganismos que convivem naquele nicho ecológico comum; precisa conhecer a história daquelas paisagens, visitar aqueles rios e montanhas, frequentar aquelas cascatas e cavernas; precisa conhecer a história das populações que aí viveram sua saga e construíram seu habitat, como trabalharam a natureza, como a conservaram ou a depredaram, quem são seus poetas e sábios, heróis e heroínas, santos e santas, os pais/mães fundadores de civilização local.

Tudo isso significa cuidar do próprio nicho ecológico, vivenciá-lo com o coração, como o seu próprio corpo estendido e prolongado; descobrir as razões para conservá-lo e fazê-lo desenvolver, obedecendo à dinâmica do ecossistema nativo.

O que vale para o indivíduo vale também para a comunidade local. Ela deve fazer o mesmo percurso de inserção no ecossistema local e cuidar do meio-ambiente; utilizar seus recursos

de forma frugal, minimizar desgastes, reciclar materiais, conservar a biodiversidade. Deve conhecer a sua história, seus personagens principais, seu folclore. Deve cuidar de sua cidade, de suas praças e lugares públicos, de suas casas e escolas, de seus hospitais e igrejas, de seus teatros, cinemas e estádios de esporte, de seus monumentos e da memória coletiva do povo. Assim, como exemplo, escolher as espécies vegetais do ecossistema local para plantar nos parques e vias públicas, e nos restaurantes valorizar a cozinha local e regional.

Esse cuidado com o nicho ecológico só será efetivo se houver um processo coletivo de educação, em que a maioria participe, tenha acesso a informações e faça "troca de saberes". O saber popular contido nas tradições dos velhos, nas lendas e nas histórias dos índios, caboclos, negros, mestiços, imigrantes, dos primeiros que aí viveram, confrontado e complementado com o saber crítico científico. Esses saberes revelam dimensões da realidade local e são portadores de verdade e de sentido profundo a ser decifrado e a ser incorporado por todos. O que daí resulta é uma profunda harmonia dinâmica do ecossistema onde os seres vivos e inertes, as instituições culturais e sociais, enfim todos encontram seu lugar, interagem, se acolhem, se complementam e se sentem em casa.

3. Cuidado com a sociedade sustentável

Atualmente quase todas as sociedades estão enfermas. Produzem má qualidade de vida para todos, seres humanos e demais seres da natureza. E não poderia ser diferente, pois estão assentadas sobre o modo de ser do trabalho entendido como dominação e exploração da natureza e da força do trabalhador. À exceção de sociedades originárias como aquelas dos indígenas e de outras minorias no sudeste da Ásia, da Oceania e do Ártico, todas são reféns de um tipo de desenvolvimento que apenas atende as necessidades de uma parte da humanidade (os países industrializados), deixando os demais na carência, quando não diretamente na fome e na miséria. Somos uma espécie que se mostrou capaz de oprimir e massacrar seus próprios irmãos e

irmãs da forma mais cruel e sem piedade. Só neste século morreram em guerras, em massacres e em campos de concentração cerca de 200 milhões de pessoas. E ainda degenera e destrói sua base de recursos naturais não renováveis.

Não se trata somente de impor "Limites ao Crescimento" (título da primeira solução apresentada em 1972 pelo Clube de Roma) mas de mudar o tipo de desenvolvimento. Diz-se que o novo desenvolvimento deve ser sustentável. Ora, não existe desenvolvimento em si, mas sim uma sociedade que opta pelo desenvolvimento que quer e que precisa. Dever-se-ia falar de sociedade sustentável ou de um planeta sustentável como pré-condições indispensáveis para um desenvolvimento verdadeiramente integral.

Sustentável é a sociedade ou o planeta que produz o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade generacional, ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão. Na prática a sociedade deve mostrar-se capaz de assumir novos hábitos e de projetar um tipo de desenvolvimento que cultive o cuidado com os equilíbrios ecológicos e funcione dentro dos limites impostos pela natureza. Não significa voltar ao passado, mas oferecer um novo enfoque para o futuro comum. Não se trata simplesmente de não consumir, mas de consumir responsabilmente.

O móvel deste tipo de desenvolvimento não está na mercadoria nem no mercado, nem no estado, nem no setor privado, nem na produção de riqueza. Mas na pessoa humana, na comunidade e nos demais seres vivos que partilham com ela a aventura terrenal.

O desenvolvimento aqui vem concebido dentro de outro paradigma, já assimilado por certos setores da ONU. Numa conhecida declaração sobre o Direito dos Povos ao Desenvolvimento, de 18 de outubro de 1993, declarou a Comissão dos Direitos Humanos da ONU: "O desenvolvimento

é um processo econômico, social, cultural e político abrangente, que visa o constante melhoramento do bem-estar de toda a população e de cada pessoa, na base de sua participação ativa, livre e significativa e na justa distribuição dos benefícios resultantes dele". Nós acrescentaríamos ainda, no sentido da integralidade, a dimensão psicológica e espiritual do ser humano.

Dito em termos simples, o desenvolvimento social visa melhorar a qualidade da vida humana enquanto humana. Isso implica em valores universais como vida saudável e longa, educação, participação política, democracia social e participativa e não apenas representativa, garantia de respeito aos direitos humanos e de proteção contra a violência, condições para uma adequada expressão simbólica e espiritual. Tais valores somente se alcançam se há um cuidado na construção coletiva do social, se há convivialidade entre as diferenças, cordialidade nas relações sociais, compaixão com todos aqueles que sofrem ou se sentem à margem, criando estratégias de compensação e de integração. Cuidado especial merecem os doentes, os idosos, os portadores de algum estigma social, os marginalizados e excluídos. Por eles se mede o quanto de sustentabilidade e de cuidado essencial realizou e realiza uma sociedade. Além disso, importante é cultivar compreensão, paciência histórica, capacidade de diálogo e sentido de integração criativa com referência ao lado dia-bólico e demente da história humana. Tais valores se incluem no cuidado essencial.

4. Cuidado com o outro, animus e anima

Não há só a rede de relações sociais. Existem as pessoas concretas, homens e mulheres. Como humanos, as pessoas são seres falantes; pela fala constroem o mundo com suas relações. Por isso, o ser humano é, na essência, alguém de relações ilimitadas. O eu somente se constitui mediante a dialogação com o tu, como o viram psicólogos modernos e, anteriormente, filósofos personalistas. O tu possui uma anterioridade sobre o eu. O tu é o parceiro do eu.

Mas o tu não é qualquer coisa indefinida. É concretamente um rosto com olhar e fisionomia. O rosto do outro torna impossível a indiferença. O rosto do outro me obriga a tomar posição porque fala, pro-voca, e-voca e con-voca. Especialmente o rosto do empobrecido, marginalizado e excluído.

O rosto possui um olhar e uma irradiação da qual ninguém pode subtrair-se. O rosto e o olhar lançam sempre uma pro-posta em busca de uma res-posta. Nasce assim a res-ponsabilidade, a obrigatoriedade de dar res-postas. Aqui encontramos o lugar do nascimento da ética que reside nesta relação de responsabilidade diante do rosto do outro, particularmente do mais outro que é o oprimido. É na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro que se estabelecem as relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou de cooperação.

Cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amorização.

O outro se dá sempre sob a forma de homem e de mulher. São diferentes mas se encontram no mesmo chão comum da humanidade. Ambos realizam, em seu modo singular, a essência humana, abissal e misteriosa. A diferença entre eles não é algo fechado e definido, mas algo sempre aberto e plasmável, pois se encontram em permanente inter-ação e reciprocidade.

Na linguagem cunhada por C.G. Jung cada um possui dentro de si o *animus* (a dimensão do masculino) e a *anima* (a dimensão do feminino). O homem desperta na mulher sua dimensão masculina expressa culturalmente pelo modo-de-ser-trabalho; a mulher evoca no homem sua dimensão feminina, concretizada historicamente pelo modo-de-ser-cuidado.

Cuidar do outro *animus-anima* implica um esforço ingente de superar a dominação dos sexos, desmontar o patriarcalismo e o machismo, por um lado, e o matriarcalismo e o feminismo excludente, por outro. Exige inventar relações que propiciem a manifestação das diferenças não mais entendidas como

desigualdades, mas como riqueza da única e complexa substância humana. Essa convergência na diversidade cria espaço para uma experiência mais global e integrada de nossa própria humanidade, uma maneira mais cuidada de ser.

5. Cuidado com os pobres, oprimidos e excluídos

Um dos maiores desafios lançados à política orientada pela ética e ao modo-de-ser-cuidado é indubitavelmente o dos milhões e milhões de pobres, oprimidos e excluídos de nossas sociedades. Esse antifenômeno resulta de formas altamente injustas da organização social hoje mundialmente integrada. Com efeito, graças aos avanços tecnológicos, nas últimas décadas verificou-se um crescimento fantástico na produção de serviços e bens materiais, entretanto, desumanamente distribuídos, fazendo com que 2/3 da humanidade viva em grande pobreza. Nada agride mais o modo-de-ser-cuidado do que a crueldade para com os próprios semelhantes.

Como tratar esses condenados e ofendidos da Terra? A resposta a esta pergunta divide, de cima a baixo, as políticas públicas, as tradições humanísticas, as religiões e as igrejas cristãs. Cresce mais e mais a convicção de que as estratégias meramente assistencialistas e paternalistas não resolvem como nunca resolveram os problemas dos pobres e dos excluídos. Antes, perpetua-os, pois os mantém na condição de dependentes e de esmolerês, humilhando-os pelo não reconhecimento de sua força de transformação da sociedade.

A libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas. A opção pelos pobres contra a sua pobreza e em favor de sua vida e liberdade constitui e ainda constitui a marca registrada dos grupos sociais e das igrejas que se puseram à escuta do grito dos empobrecidos que podem ser tanto os trabalhadores explorados, os indígenas e negros

discriminados, quanto as mulheres oprimidas e as minorias marginalizadas, como os portadores do vírus da Aids ou de qualquer outra deficiência. Não são poucos aqueles que não sendo oprimidos se fizeram aliados dos oprimidos, para junto com eles e na perspectiva deles empenhar-se por transformações sociais profundas.

O compromisso dos oprimidos e de seus aliados por um novo tipo de sociedade, na qual se supera a exploração do ser humano e a espoliação da Terra, revela a força política da dimensão-cuidado.

Qual é o móvel último subjacente aos movimentos dos sem-terra, dos sem-teto, dos privados de direitos sociais, dos meninos e meninas de rua, dos idosos, dos povos da floresta, entre outros, senão o cuidado com a vida humana? É o cuidado e o enternecimento pela inalienável dignidade da vida que move as pessoas e os movimentos a protestar, a resistir e a mobilizar-se para mudar a história. Os profetas antigos e modernos nos mostram a coexistência destas duas atitudes presentes no cuidado político: a dureza na denúncia dos opressores e o enternecimento no consolo das vítimas.

Não tem cuidado com os empobrecidos e excluídos quem não os ama concretamente e não se arrisca por sua causa. A consolidação de uma sociedade mundial globalizada e o surgimento de um novo paradigma civilizacional passa pelo cuidado com os pobres, marginalizados e excluídos. Se seus problemas não forem equacionados, permaneceremos ainda na pré-história. Poderemos ter inaugurado o novo milênio, mas não a nova civilização e a era de paz eterna com todos os humanos, os seres da criação e o nosso esplêndido planeta.

6. Cuidado com nosso corpo na saúde e na doença

Quando falamos em corpo não devemos pensar no sentido usual da palavra, que contrapõe corpo a alma, matéria a espírito. Corpo seria uma parte do ser humano e não sua totalidade.

Nas ciências contemporâneas prefere-se falar de corporeidade para expressar o ser humano como um todo vivo e orgânico. Fala-se de homem-corpo, homem-alma para designar dimensões totais do humano.

Essa compreensão deixa para trás o dualismo corpo-alma e inaugura uma visão mais globalizante. Entre matéria e espírito está a vida que é a interação da matéria que se complexifica, se interioriza e se auto-organiza. Corpo é sempre animado. “Cuidar do corpo de alguém”, dizia um mestre do espírito, “é prestar atenção ao sopro que o anima”.

Resumindo, podemos dizer que o corpo é aquela porção do universo que nós animamos, informamos, conscientizamos e personalizamos. É formado pelo pó cósmico, circulando no espaço interestelar há bilhões de anos, antes da formação das galáxias, das estrelas e dos planetas, pó esse provavelmente mais velho que o sistema solar e a própria Terra. O ferro que corre pelas veias do corpo, o fósforo e o cálcio que fortalecem os ossos e os nervos, os 18% de carbono e os 65% de oxigênio mostram que somos verdadeiramente cósmicos.

Corpo é um ecossistema vivo que se articula com outros sistemas mais abrangentes. Pertencemos à espécie *homo*, que pertence ao sistema Terra, que pertence ao sistema galáctico e ao sistema cósmico. Nele funciona um sistema interno de regulação de frio e de calor, de sono e de vigília, dos fenômenos da digestão, da respiração, das batidas cardíacas, entre outros.

Mais ainda. O corpo vivo é subjetividade. Já se disse que “o corpo é nossa memória mais arcaica”, pois em seu todo e em cada uma de suas partes guarda informações do longo processo evolutivo. Junto com a vida do corpo se realizam os vários níveis da consciência (a originária, a oral, a anal, a social, a autônoma e a transcendental), onde estas memórias se expressam e se enriquecem interagindo com o meio.

Através do corpo se mostra a fragilidade humana. A vida corporal é mortal. Ela vai perdendo seu capital energético, seus equilíbrios, adocece e finalmente morre. A morte não vem no

fim da vida. Ela começará no seu primeiro momento. Vamos morrendo, lentamente, até acabar de morrer. A aceitação da mortalidade da vida nos faz entender de forma diferente a saúde e a doença.

Quem é são pode ficar doente. A doença significa um dano à totalidade da existência. Não é o joelho que dói. Sou eu, em minha totalidade existencial, que sofro. Portanto, não é uma parte que está doente, mas é a vida que adoce em suas várias dimensões: em relação a si mesmo (experimenta os limites da vida mortal), em relação com a sociedade (se isola, deixa de trabalhar e tem que se tratar num centro de saúde), em relação com o sentido global da vida (crise na confiança fundamental da vida que se pergunta por que exatamente eu fiquei doente?).

A doença remete à saúde. Toda cura deve reintegrar as dimensões da vida sã, no nível pessoal, social e no fundamental que diz respeito ao sentido supremo da existência e do universo. Por isso o primeiro passo consiste em reforçar a dimensão-saúde para que ela cure a dimensão-doença.

Para reforçar a dimensão-saúde devemos enriquecer nossa compreensão de saúde. Não podemos entendê-la como a ideologia dominante com suas técnicas sofisticadas e seus inúmeros coquetéis de vitaminas. A saúde é concebida como "saúde total", como se fosse um fim em si mesma, sem responder à questão básica: que faço na vida com minha saúde? Distanciamos-nos da conhecida definição de saúde da Organização Mundial da Saúde da ONU que reza: "Saúde é um estado de bem-estar total, corporal, espiritual e social e não apenas inexistência de doença e fraqueza".

Essa compreensão não é realista, pois parte de uma suposição falsa, de que é possível uma existência sem dor e sem morte. É também inumana porque não recolhe a concretude da vida que é mortal. Não descobre dentro de si a morte e seus acompanhantes, os achaques, as fraquezas, as enfermidades, a agonia e a despedida final. Acresce ainda que a saúde não é um estado, mas um processo permanente de busca de equilíbrio

dinâmico de todos os fatores que compõem a vida humana. Todos esses fatores estão a serviço da pessoa para que tenha força de ser pessoa, autônoma, livre, aberta e criativa face às várias injunções que vier a enfrentar.

A força de ser pessoa significa a capacidade de acolher a vida assim como ela é, em suas virtualidades e em seu entusiasmo intrínseco, mas também em sua finitude e em sua mortalidade. A força de ser pessoa traduz a capacidade de conviver, de crescer e de humanizar-se com estas dimensões de vida, de doença e de morte.

Saúde e cura designam o processo de adaptação e de integração das mais diversas situações, nas quais se dá a saúde, a doença, o sofrimento, a recuperação, o envelhecimento e o caminhar tranquilo para a grande passagem da morte. Saúde, portanto, não é um estado nem um ato existencial, mas uma atitude face às várias situações que podem ser doentias ou sãs. Ser pessoa não é simplesmente ter saúde, mas é saber enfrentar saudavelmente a doença e a saúde. Ser saudável significa realizar um sentido de vida que englobe a saúde, a doença e a morte. Alguém pode estar mortalmente doente e ser saudável porque com esta situação de morte cresce, se humaniza e sabe dar sentido àquilo que padece.

Como disse um conhecido médico alemão: "Saúde não é a ausência de danos. Saúde é a força de viver com esses danos". Saúde é acolher e amar a vida assim como se apresenta, alegre e trabalhosa, saudável e doentia, limitada e aberta ao ilimitado que virá além da morte.

Que significa cuidar de nosso corpo, assim entendido? Imensa tarefa. Implica cuidar da vida que o anima, cuidar do conjunto das relações com a realidade circundante, relações essas que passam pela higiene, pela alimentação, pelo ar que respiramos, pela forma como nos vestimos, pela maneira como organizamos nossa casa e nos situamos dentro de um determinado espaço ecológico. Esse cuidado reforça nossa identidade como seres nós-de-relações para todos os lados.

Cuidar do corpo significa a busca de assimilação criativa de tudo o que nos possa ocorrer na vida, compromissos e trabalhos, encontros significativos e crises existenciais, sucessos e fracassos, saúde e sofrimento. Somente assim nos transformamos mais e mais em pessoas amadurecidas, autônomas, sábias e plenamente livres.

7. Cuidado com a cura integral do ser humano

A cura integral do ser humano é tão importante que demanda um prolongamento de nossa reflexão anterior. Nas grandes tradições terapêuticas da humanidade sempre houve a percepção de que a cura é um processo global, envolvendo a totalidade do ser humano e não apenas a parte enferma. Reportemo-nos à nossa tradição ocidental ligada à figura de Asclépio (dos gregos) ou de Esculápio (dos latinos). Dessa tradição vem o pai da medicina clássica e moderna, Hipócrates (460-377 aC).

Asclépio era, historicamente, um herói curador que possuía seu centro em Epidauro, no coração da Grécia. Por mais de mil anos acorriam ao seu templo os enfermos de todas as partes do mundo antigo. A eficácia de seus métodos era de tal ordem que, após a sua morte, Asclépio acabou sendo divinizado. Simultaneamente como homem e deus sinalizava que a cura seria completa se resultasse da intervenção humana e divina, se fosse corporal e espiritual.

No pórtico de seu templo os enfermos podiam ler o lema básico de sua medicina:

“Puro deve ser aquele que entra no templo perfumado. Pureza é ter pensamentos sadios”.

Chamava-se a isso de *nooterapia*, terapia da mente (*noos* em grego significa mente) que implicava num processo de redefinição de atitudes e de valores. Os cristãos até hoje chamam a isso de conversão (*metanoia*). Os pecados (*harmatiai*), isto é, as atitudes desarmonicas consigo mesmo, com os outros, com o cosmos e com a Fonte originária de tudo, deslançam processos

que afetam o equilíbrio físico-psíquico-espiritual do ser humano. Em outras palavras, produzem doenças.

A cura acontece quando se cria um novo equilíbrio humano. Então o pecado-doença dá lugar à graça-cura. Em Epidauro as curas eram processadas de forma holística, através de métodos diferenciados: pela dança, música, ginástica, poesia, ritos e sono sagrado. Havia o *Abaton*, santuário onde os enfermos dormiam para terem sonhos de comunhão com a divindade que os tocava e curava. Havia o *Odeon*, local onde se podia ouvir música tranqüilizadora e eram lidos poemas de enlevo. Havia o *Ginásio*, onde se faziam exercícios físicos integradores da mente/corpo. Havia o *Estádio* para esportes de competição controlada para melhorar o tônus corporal. Havia o *Teatro* para dramatização de situações complexas da vida para desdramatizá-las e facilitar a cura. Havia a *Biblioteca*, onde se podia consultar livros, admirar obras de arte e participar de discussões sobre os mais diversos assuntos. Tudo isto, já naqueles tempos, era visto como forma de terapia holística. A moderna medicina alternativa não faz outra coisa senão resgatar esta memória terapêutica de nossa própria tradição, abafada pelo paradigma cientifista dominante, que tenta a cura enfatizando o tratamento das partes doentes pela química dos remédios sem a consideração do todo humano.

Foi neste contexto integrador do cuidado total com o ser humano que o poeta Décio Júnio Juvenal (60-130 dC) escreveu o famoso verso criticando os excessos na culinária dos romanos:

“Deve-se buscar uma mente sã num corpo sã”. “Orandum est ut sit mens sana in corpore sano” (Sátiras X, 356).

Muitas academias de ginástica atuais incorporam esse lema *mens sana in corpore sano* - quase sempre esquecendo a dimensão espiritual da mente (*mens sana*) e enfatizando apenas a exuberância muscular do corpo (*corpore sano*). A arte terapêutica é mais que médica; é integral, portanto profundamente espiritual.

Concluindo, cuidar de nossa saúde significa manter nossa visão integral, buscando um equilíbrio sempre por construir entre o corpo, a mente e o espírito e convocar o médico (corpo),

o terapeuta (mente) e o sacerdote (o espírito) para trabalharem juntos visando a totalidade do ser humano.

8. Cuidado com a nossa alma, os anjos e os demônios interiores

A alma, à semelhança do corpo, representa a totalidade do ser humano na medida em que ele é um ser vivo com interioridade e subjetividade (*anima* em latim significa ser vivo, donde deriva animal). Desde o primeiro momento após o *big-bang*, quando se formaram os primeiros campos energéticos e se forjaram as primeiras unidades relacionais, a alma começou a surgir e a complexificar-se, até que, no nível humano, após o surgimento do cérebro e da base neurônica, se tornou reflexa e autoconsciente. Possivelmente tal emergência ocorreu a partir do *homo Ardipithecus Ramidos*, há 4,5 milhões de anos, passando pelo *homo habilis*, há cerca de 2 milhões de anos, pelo *homo erectus*, há 1,6 milhões de anos, pelo *homo sapiens arcaicus* há 250 mil anos até culminar no *homo sapiens sapiens* há 150 mil anos. Deste último, com consciência plenamente reflexa, somos descendentes diretos.

Conhecemos hoje os níveis desse tipo de consciência e sua capacidade de guardar informações do processo evolutivo. Isso significa que a consciência humana guarda marcas da grande explosão primordial, do fragor das explosões das grandes estrelas vermelhas que jogaram seus materiais pesados por todo o universo; conserva a memória das circunvoluções de nosso sistema galáctico, solar e planetário, das dores de parto na formação de nossa casa comum, a Terra; conserva o estremecer da primeira célula viva há 3,8 bilhões de anos; guarda em si os sinais da violência devastadora dos dinossauros, da capacidade unificadora do primeiro cérebro nos répteis, da ternura dos primeiros mamíferos, das alegrias da sociabilidade dos nossos ancestrais antropóides; lembra da luz do primeiro ato de inteligência, da criatividade da fala ordenadora do mundo, enfim dos grandes sonhos ridentes de simpatia e convivialidade, bem como dos

medos face às ameaças do meio e face à luta pela sobrevivência. As experiências boas e traumatizantes na relação com os pais, com o homem e a mulher, com o nascimento, a dor e a morte, com o Sol, a Lua e as estrelas, com a grandeza do céu estrelado deixaram matrizes na alma humana cuja força de atuação se faz presente até os dias de hoje. É a nossa memória ancestral e atual.

De certo modo, tudo, tudo está guardado dentro da consciência humana sob a forma da memória (subatômica, atômica, mineral, vegetal, animal, humana), nos arquétipos, sonhos, visões, símbolos, paixões e moções que habitam nossa interioridade. Somos portadores de anjos e de demônios, de forças sim-bólicas que nos animam para a unidade e para a cooperação, e de forças dia-bólicas que desagregam e destroem nossa centralidade.

Mas o ser humano é portador de liberdade e de responsabilidade. A liberdade lhe é dada como capacidade de modelar essa matéria ancestral e o mundo ao seu redor. A liberdade lhe é dada como possibilidade para decidir se cultiva os anjos bons ou os demônios interiores. A ele cabe criar uma medida justa de equilíbrio, tirando partido da energia dos anjos e dos demônios e colocando-a a serviço de um projeto que se afina com a sinergia e a cooperação do universo. É sua chance de felicidade ou de tragédia.

Eis um desafio ingente: o de cuidar de nossa alma inteira. Cuidar dos sentimentos, dos sonhos, dos desejos, das paixões contraditórias, do imaginário, das visões e utopias que guardamos escondidas dentro do coração. Como domesticar tais forças para que sejam construtivas e não destrutivas? Em que sentido de vida ordenamos todas estas dimensões? O cuidado é o caminho e oferece uma direção certa.

9. Cuidado com o nosso espírito, os grandes sonhos e Deus

O ser humano-corpo-alma tem uma singularidade: pode sentir-se parte do universo e com ele conectado; pode entender-se como

filho e filha da Terra, um ser de interrogações derradeiras, de responsabilidade por seus atos e pelo futuro comum com a Terra. Ele não pode furtar-se a perguntas que lhe surgem ineludivelmente: Quem sou eu? Qual é meu lugar dentro desta miríade de seres? O que significa ser jogado nesse minúsculo planeta Terra? Onde provém o inteiro universo? Quem se esconde atrás do curso das estrelas? O que podemos esperar além da vida e da morte? Por que choramos a morte dos nossos parentes e amigos e a sentimos como um drama sem retorno?

Ora, levantar semelhantes interrogações é próprio de um ser portador de espírito. Espírito é aquele momento do ser humano corpo-alma em que ele escuta estas interrogações e procura dar-lhes uma resposta. Não importa qual seja: se através de histórias mitológicas, de desenhos nas paredes de cavernas como em Cromagnon na França e nas grutas de S. Raimundo Nonato no Piauí, Brasil, ou se através de sofisticadas filosofias, ritos religiosos e conhecimentos das ciências empíricas. O ser humano como um ser falante e interrogante é um ser espiritual.

Outro dado suscita a dimensão de espírito: a capacidade do ser humano de continuamente criar sentidos e inventar símbolos. Não se contenta com fatos. Neles discerne valores e significações. Escuta as coisas que são sempre mais que coisas porque se transformam em indicações de mensagens a serem decodificadas. Daremos alguns exemplos.

Diante do rio Amazonas ficamos totalmente fascinados, fazemos a experiência da majestade. Ao penetrar a floresta, contemplamos sua inigualável biodiversidade e ficamos aterrados diante da imensidão de árvores, de águas, de animais e de vozes de todos os timbres, fazemos a experiência da grandeza. Diante dessa grandeza sentimo-nos um bicho frágil e insignificante irrompendo em nós o temor e o respeito silencioso, fazemos a experiência da limitação e da ameaça.

Quando vivenciamos o fascínio do amor, fazemos a experiência de um absoluto valor, capaz de tudo transfigurar; fazemos da pessoa amada uma divindade, transformamos o

brilho do Sol num ouro em cascata e transformamos a dureza do trabalho numa prazerosa ocupação.

Ao ver a mão suplicante da criança faminta, somos tomados de compaixão e mostramos generosidade. Todas essas experiências são expressões do espírito que somos nós.

Mas há uma experiência testemunhada desde os primórdios da hominização, a do Numinoso e do Divino no universo, na vida e na interioridade humana. Como não reconhecer por trás das leis da natureza um supremo Legislador? Como não admitir na harmonia dos céus a ação inteligente de uma infinita Sabedoria, e na existência do universo a exigência de um Criador?

O ser humano chama essa suprema Realidade com mil nomes ou simplesmente dá-lhe o nome de Deus. Sente que Ele arde em seu interior na forma de uma presença que o acompanha e o ajuda a discernir o bem e o mal. O elã vital o leva a crescer, a trabalhar, a enfrentar obstáculos, a alcançar seus propósitos e a viver com esperança. Esse elã está no ser humano, mas é maior que ele. Não está em seu poder manipulá-lo, criá-lo ou destruí-lo. Encontra-se à mercê dele. Não é isso um indício da presença de Deus em seu interior?

O ser humano pode cultivar o espaço do Divino, abrir-se ao diálogo com Deus, confiar a ele o destino da vida e encontrar nele o sentido da morte. Surge então a espiritualidade que dá origem às religiões. Elas expressam o encontro com Deus nos códigos das diferentes culturas.

Os sábios de todos os povos sempre pregaram: sem o cultivo desse espaço espiritual, o ser humano se sentirá infeliz e doente e se descobrirá um errante sedento em busca de uma fonte que não encontra em lugar nenhum; mas se acolher o espírito e Aquele que o habita, se encherá de luz, de serenidade e de uma imarcescível felicidade.

Cuidar do espírito significa cuidar dos valores que dão rumo à nossa vida e das significações que geram esperança para além de nossa morte. Cuidar do espírito implica colocar os compromissos éticos acima dos interesses pessoais ou coletivos.

Cuidar do espírito demanda alimentar a brasa interior da contemplação e da oração para que nunca se apague. Significa especialmente cuidar da espiritualidade experienciando Deus em tudo e permitindo seu permanente nascer e renascer no coração. Então poderemos preparar-nos, com serenidade e jovialidade, para a derradeira travessia e para o grande encontro.

10. Cuidado com a grande travessia, a morte

A entropia se manifesta em toda parte e também no tecido de nossa vida até consumir todo o nosso capital energético. Então morremos. É o termo do homem-corpo. E o que acontece com o homem-alma-espírito? Qual é seu destino? Ele tem outro percurso. Ao imergir neste mundo começa a nascer, vai nascendo cada dia mais, até acabar de nascer.

Uma analítica existencial atenta revela a presença de duas curvas na existência humana: a curva do homem-corpo e a curva do homem-alma-espírito.

A curva do homem-corpo obedece a esse percurso: nasce, cresce, madura, envelhece e morre. A morte não vem de fora mas se processa dentro da vida como perda progressiva da força vital.

A outra curva do homem-alma-espírito segue um percurso inverso. Nasce, começa como um pequeno sinal e desabrocha, realiza virtualidades como falar, relacionar-se, amar... vai nascendo mais e mais até acabar de nascer.

Mas quando acaba de nascer? Quando as duas curvas existenciais se cruzam. Nesse cruzamento ocorre a morte real.

O que significa a morte? Para o homem-corpo representa o termo de uma caminhada por esse mundo espaço-temporal. Para o homem-alma-espírito, a possibilidade de uma plena realização de seus dinamismos latentes que não conseguiam irromper devido aos condicionamentos do tempo e do espaço. A morte do homem-corpo tem a função de fazer cair todas as barreiras. É assim o homem-alma-espírito se liberta de todas as amarras e seu impulso interior pode realizar-se segundo a lógica

infinita. A inteligência que via no claro-escuro, agora vê em plena luz; a vontade que se sentia condicionada, agora irrompe para a comunhão imediata com o objeto do desejo; o cuidado essencial que se exercia em ambigüidades, agora encontra sua plena autenticidade; o corpo que nos permitia comunhão e afastamento dos outros, é sentido agora como expressão plena de nossa união com a totalidade do cosmos.

Na morte se dá, então, o verdadeiro nascimento do ser humano. Ele implode e explode para dentro de sua plena identidade. O cristianismo chama a esse momento de absoluta realização de ressurreição. Ressurreição é muito mais que reanimar um cadáver e voltar à vida anterior. Ressurreição é a plena concretização das virtualidades presentes no ser humano. Os apóstolos testemunharam que tal evento bem-aventurado se realizou em Jesus de Nazaré no momento de sua morte na cruz. Por isso é apresentado como o "Adão novíssimo" (I Cor 15,45), a nova criatura que tocou o final dos tempos. Ele é o símbolo real de que o ser humano pode nascer definitivamente.

Nesta perspectiva não vivemos para morrer. Morremos para ressuscitar, para viver mais e melhor. A morte significa a metamorfose para esse novo modo de ser em plenitude. Ao morrer, o ser humano deixa para trás de si um cadáver. É como um casulo que continha a crisálida. Cai o casulo e irrompe radiante borboleta, a vida em sua identidade inteira. É a ressurreição já na morte.

O sentido que damos à vida depende do sentido que damos à morte. Se a morte é fim-derradeiro, então de pouco valem tantas lutas, empenho e sacrifício. Mas se a morte é fim-meta-alcanceada, então significa um peregrinar para a fonte. Ela pertence à vida e representa o modo sábio que a própria vida encontrou para chegar a uma plenitude negada neste universo demasiadamente pequeno para seu impulso e demasiadamente estreito para sua ânsia de infinito. Somente o Infinito pode saciar uma sede infinita.

Cuidar de nossa grande travessia é internalizar uma compreensão esperançosa da morte. É cultivar nosso desejo do Infinito, impedindo que ele se identifique com objetos finitos. É meditar, contemplar e amar o Infinito como o nosso verdadeiro Objeto do desejo. É acreditar que ao morrer cairemos em seus braços para o abraço sem fim e para a comunhão infinita e eterna. Enfim é realizar a experiência dos místicos: a vida amada no Amado transformada.

Bibliografia para aprofundamento

- Alves, R., *A construção social da enfermidade*, Cortez & Moraes, S. Paulo 1987.
- Barrère, M., *Terra. Patrimônio comum*, São Paulo, Nobel, 1995.
- Berry, T., *O sonho da Terra*, Petrópolis, Vozes 1991.
- Biase, F. Di., *O homem holístico*, Petrópolis 1995.
- Boff, L., *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, São Paulo, Ática 1995.
- Boff, L., Frei Betto, *Mística e Espiritualidade*, Rocco, Rio de Janeiro 1995.
- Boff, L., *Vida segundo o Espírito*, Vozes, Petrópolis.
- Boff, L., *A vida para além da morte*, Vozes, Petrópolis 1997.
- Boff, L., *A nossa ressurreição na morte*, Vozes, Petrópolis 1996.
- Blofeld, J., *A deusa da compaixão e do amor. O culto místico de Kuan Yin*. IBRASA, São Paulo 1995.
- Bonaventure, L., *Psicologia e mística*, Vozes, Petrópolis 1978.
- Campbell, J., *O herói de mil faces*, São Paulo, Cultrix 1992.
- Capra, F., *O ponto de mutação*, São Paulo, Cultrix 1991.
- Casaldáliga, P. Vigil, J.M., *Espiritualidade e libertação*, Vozes, Petrópolis 1993.
- Crema, R., *Introdução à visão holística. Breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*, São Paulo, Summus Editorial, 1988.
- Crema, R., *Saúde e plenitude, um caminho para o ser*, Summus, S. Paulo 1995.
- Ehrlich, P.R., *O mecanismo da natureza. O mundo vivo à nossa volta e como funciona*, São Paulo, Campus 1993.
- Einstein, A., *Como vejo o mundo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1981.
- Frei Betto, *A obra do artista. Uma visão holística do universo*, São Paulo, Ática 1995.
- Gutiérrez, G., *Beber no próprio poço*, Vozes, Petrópolis 1985.
- Heisenberg, W., *A parte e o todo*, Rio de Janeiro, Contraponto 1996.
- Josaphat, C., *Contemplação e libertação*, Ática, S. Paulo 1995.
- Leloup, J.-Y., *Cuidar do Ser*, Petrópolis, Vozes 1996.
- Leloup, J.-Y., *Caminhos de realização. Dos medos do Eu ao mergulho no Ser*, Vozes, Petrópolis 1996.
- Leloup, J.-Y., *O corpo e seus símbolos. Uma antropologia essencial*, Vozes, Petrópolis 1998.

- Leloup, J.-Y, Boff, L. e outros, *Espírito na saúde*, Vozes, Petrópolis 1997.
- Longair, M., *As origens de nosso universo*, Rio de Janeiro, Zahar 1994.
- Lovelock, J., *Gaia. Um novo olhar sobre a vida na Terra*, Lisboa, Edições 70, 1989.
- Lovelock, J., *As eras de Gaia. A biografia da nossa Terra viva*, São Paulo, Campus 1991.
- Morin, E., *Ciência com consciência*, Rio de Janeiro, Francisco Alves 1996.
- Müller, L., *O berri. Todos nascemos para ser berriis*, São Paulo, Cultrix 1994.
- Müller, R., *O nascimento de uma civilização global*, São Paulo, Aquariana 1993.
- Mourão, R.R.F., *Ecologia cósmica. Uma visão cósmica da ecologia*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- Prigogine, I., *A nova aliança. Metamorfose da ciência*, Brasília, Unidade de Brasília 1990.
- Rogers, C.R., *A pessoa como centro*, São Paulo, EDUSP 1977.
- Vários, Grupo TAO (Teologia e Assessoria Orgânica), *A mística do animador popular*, São Paulo, Ática 1996.
- Weil, Pierre, *Sementes para uma nova era*, Petrópolis, Vozes 1986.
- Weil, P., *Antologia do êxtase*, Paías Athena, S. Paulo 1992.
- Weil, P., *A morte da morte*, Gente, S. Paulo 1995.
- Zohar, Danah, *O ser quântico. Uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência baseada na nova física*, São Paulo, Editora Best Seller 1991.

II - A PRÁTICA DOS NOVOS VALORES

Frei Betto

Trajatória pessoal e a história recente do Brasil

(*)

Solicitaram que eu falasse da militância, da importância do estudo para os militantes e dos valores da nova sociedade. Estive pensando como enfrentar os três temas numa só tacada. Resolvi partilhar com vocês a minha história de militância.

Comecei na militância aos 13 anos, em 1957. Tenho hoje 54 anos. Isso significa que tenho 41 anos de militância. Iniciei num movimento chamado JEC - Juventude Estudantil Católica -, que me ensinou a unir fé cristã e luta política. O Evangelho, para mim, sempre foi uma fonte de inspiração para a militância. Uma das grandes descobertas da minha vida foi tomar consciência que todos nós, cristãos, somos discípulo de um prisioneiro político.

Há quem diga que a fé não tem nada a ver com política. Ora, Jesus não morreu na cama, nem de desastre de camelo numa rua de Jerusalém. Morreu sob dois processos políticos, condenado à pena de morte na cruz. Sofreu um processo político movido pelas autoridades judaicas e, outro, movido pelas autoridades romanas.

Ser cristão é querer transformar o mundo, de modo a resgatar o projeto original de Deus, aquilo que Ele queria para nós e consta da primeira página da Bíblia: um paraíso na Terra. Se o paraíso não existe hoje, a culpa é da nossa ambição, do nosso egoísmo, da nossa opressão, da nossa desigualdade.

Portanto, descobri aos 13 anos que, ser cristão, é lutar pela transformação das pessoas e do mundo. E não adianta perguntar o que vem primeiro: o ovo ou a galinha. É mudando as pessoas que a gente muda o mundo; é se mudando que a gente muda o mundo; e é mudando o mundo que a gente se muda e muda os outros. Está tudo ligado.

Em 1959, aos 15 anos, fui eleito dirigente da União Municipal de Estudantes de Belo Horizonte. Naquela época, nós cris-

* Palestra proferida por frei Betto no 1º Curso sobre realidade brasileira para jovens do meio rural. Párcera MST-Unicamp, julho 1999. Revisada pelo autor.

tãos fazíamos aliança, na política estudantil, com militantes comunistas - contra os militantes da direita. Aprendi, então, que a diferença entre um cristão e um comunista pode até existir quando um crê e o outro não, mas os dois estão unidos se vivem na mesma bem-aventurança da fome e da sede de justiça.

Quando eu estava preso, a maioria dos meus companheiros de cadeia eram comunistas ateus. Às vezes, alguns debatiam comigo a existência de Deus. Eu dizia: "Cara, não creio em Deus, tenho certeza da existência Dele, sinto que Ele é uma experiência muito forte na minha vida. Agora, não vamos discutir isso não, pois quando a gente chegar no céu, vamos ter muito tempo para discutir essas coisas. Agora, temos que tratar de como mudar essa realidade aqui, porque é isso o que Deus quer, para que a gente possa fazer dessa terra de injustiça uma terra de justiça ou, como diz a Bíblia, uma terra onde corra o leite e o mel".

No dia 25 de agosto de 1961, o presidente Jânio Quadros renunciou à presidência da República. Nós, que apoiávamos o Jânio, temíamos que o Brasil caísse nas mãos de uma ditadura militar, o que veio a acontecer três anos depois. Fomos para as ruas lutar pela volta do Jânio à presidência da República. Foi a primeira vez na minha vida que enfrentei polícia e bomba de gás lacrimogêneo, nas ruas de Belo Horizonte.

Naquele dia, descobri duas coisas importantes para nossa militância. Primeiro, quem entra na militância, tem que entrar com o coração; não basta entrar com a cabeça. Quem entra com a cabeça tem medo. Quem entra com o coração, ama tanto a causa que defende, que enfrenta situações de risco sem medo. E a segunda coisa: o contrário do medo não é a coragem, é a fé. Quanto mais a gente tem fé, quanto mais confia naquele caminho que a gente está levando, certo de que é a luta que Deus quer para a gente; quanto mais se sente irmão do companheiro Jesus, que deu a vida por essa causa de esperança e de libertação, menos medo a gente sente.

Medo nós sentimos quando pensamos primeiro em nós. Quando pensamos na causa, no movimento, no Brasil sem miséria, sem mortalidade infantil, vale a pena correr riscos.

Sob a ditadura militar

Depois, fui para o Rio de Janeiro, para ser um dos dirigentes nacionais da Juventude Estudantil Católica. Dos 17 aos 20 anos, andei esse Brasil todo duas vezes, de ponta a ponta, fazendo isso que vocês estão fazendo aqui: organizando grupos de jovens, despertando a esperança, abrindo a visão dos jovens, dando força para que se organizassem e entrassem na luta.

Naquela época, acreditávamos que o Brasil ia mudar logo, até porque o governo foi assumido por partidos progressistas. O presidente era o João Goulart. Achávamos que as tais reformas de estruturas iriam acontecer logo. Mas, ficou claro uma coisa: o Brasil, desde que foi invadido pelos portugueses, sempre foi governado por uma elite sem nenhuma sensibilidade para o social.

Em 2000, vamos comemorar 500 anos de invasão do Brasil. Vamos comemorar uma história de dor e de sofrimento. Havia cinco milhões de índios quando os portugueses chegaram aqui; hoje, estão reduzidos a 300 mil. Os índios brasileiros, ao contrário dos índios de outros países da América Latina, tiveram o mérito de jamais se deixar escravizar pelos colonizadores. Devemos ter isso muito presente. Somos filhos de nações indígenas que, jamais, o colonizador português conseguiu escravizar. Dizimou, matou, afogou, queimou, mas não conseguiu escravizar o índio. Tanto não conseguiu que os portugueses tiveram que trazer da África homens e mulheres livres, como escravos, para trabalhar na lavoura e nas minas do Brasil. O Brasil foi o país das Américas com o mais longo período de escravidão - 320 anos. Vieram para cá, calcula-se, cerca de 10 milhões de africanos, dos quais cinco milhões morreram na travessia do oceano e têm o Atlântico como túmulo.

Essa mesma elite que promoveu o genocídio indígena e manteve os 320 anos de escravidão nesse país, continua governando o Brasil. O Brasil passou de Monarquia para a República, mas a elite, infelizmente, ainda não mudou. Agora, temos a história do Brasil capitalista que vocês conhecem. Não somos, hoje,

campeões mundiais de futebol, mas sim campeões mundiais de desigualdade social.

Ora, em 1964, em nome dessa elite, os militares brasileiros rasgaram a Constituição do Brasil. Deram um golpe de estado e implantaram uma ditadura, que durou 21 anos. Pois bem, o tempo de vida que muitos de vocês têm é o tempo que durou a ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1985.

Em 1964, eu morava numa república de estudantes, no Rio, muito freqüentada por dirigentes estudantis. Muitas vezes dormia lá o Betinho, que todos conheceram da campanha da fome. Nossa república foi invadida pelo serviço secreto da Marinha, a 6 de junho. Acordei com uma metralhadora na cabeça. Eram quatro horas da manhã. Achei que era um pesadelo. Virei-me de lado. Um sujeito cutucou minhas costas com a metralhadora. Então me dei conta de que era realidade, e não pesadelo. Fomos todos presos, levados para o quartel dos Fuzileiros Navais, que fica ao lado do aeroporto Santos Dumont. Ao chegar lá, vi uma montanha de livros numa sala. Livros que eles tinham apreendidos, naquela noite, na casa de vários militantes que foram presos.

Foi a primeira vez que senti na pele o que é uma ditadura militar. Ficamos presos só 15 dias. Depois, descobrimos que a luta contra a ditadura não podia se restringir às manifestações estudantis. Tinha que ser uma luta mais profunda, o que nos fez desencadear, inclusive, a luta armada.

Ainda hoje, lutamos por direitos fundamentais. A nossa luta ainda não é por direitos humanos. Explico. Às vezes, quando viajo para fora do Brasil, me perguntam: "Como é a luta de vocês, no Brasil, por direitos humanos?" Eu respondo: "Falar em direitos humanos no Brasil é luxo. Infelizmente, ainda lutamos por direitos animais, porque isso de comer, defender-se do frio, educar a cria, é coisa de bicho, que a maioria da população do meu país ainda não tem assegurada pelas estruturas políticas."

Precisamos mudar esse país. Mas tendo claro quais são os nossos métodos de luta. Isso é curioso: quem decide os nossos

métodos não somos nós. É a elite que governa o Brasil. Podemos e devemos lutar na legalidade e na legitimidade. Devemos esgotar todas as formas de lutas e todas as formas legítimas e legais possíveis. Mas, quem diz, a um certo momento, que determinadas formas de luta já não são mais possíveis? O governo e a elite que controlam o país.

Durante muito tempo, sob a ditadura, a nossa luta no movimento estudantil expressava-se em grandes manifestações, passeatas, protestos. Até que a ditadura proibiu todas as formas democráticas, legais e legítimas de luta. Diante de uma ditadura que nos reprimia com armas, tanques, metralhadoras, fuzil, prisão, tortura, morte e desaparecimento de companheiros, não nos restou outra alternativa senão a resistência armada.

O meu "crime" foi fazer contrabando de gente. Por isso fui preso em 1969. Estive um mês detido no Rio Grande do Sul; depois, fui trazido para São Paulo. Aqui fiquei dois anos preso, sem julgamento. Não tinha idéia se ia sair vivo da prisão, nem se ia ficar dois, três, dez ou quinze anos. Dois anos depois, fui condenado a quatro anos de prisão. Meu advogado fez o recurso, pedindo a redução da pena. Ela foi reduzida, de quatro para dois anos, faltando um mês para eu completar os quatro anos de cadeia. De modo que tenho dois anos de crédito com a liberdade.

As lições da prisão

A prisão foi uma grande escola para todos nós que sobrevivemos a ela. Infelizmente muitos companheiros morreram na prisão, como o meu companheiro frei Tito de Alencar Lima que, aos 28 anos, foi torturado até a loucura. Vocês sabem que prisão é um sofrimento, mas a prisão tem duas grandes vantagens. Primeiro, ali pode-se falar de tudo, porque não há o perigo de ser preso. Segundo, aprende-se a deixar de ser egoísta.

O grande inimigo nosso não é a elite, o capitalista ou o opressor. O grande inimigo está dentro de nós. É o homem ou a mulher velha que carregamos no coração. Esse é o grande inimigo, e que muitas vezes se disfarça de combatente, de

militante, de revolucionário. Enche a boca de palavras novas mas, no fundo, é movido pela vaidade, pela pretensão, pela vontade de estar por cima do outro, pela ambição.

Isso é uma das coisas que me doem quando olho para trás: vejo companheiros que foram para a prisão comigo, assumiram riscos de vida na luta aqui fora, provocava inveja a firmeza que demonstravam; diante deles eu me perguntava: "Saindo da cadeia, serei ao menos 10% militante como eles?" Mas esses companheiros, ao saírem, foram cooptados, engolidos pelo sistema, não souberam cultivar neles os valores do homem novo e da mulher nova. Deixaram-se levar pela ambição, pela maracutaia da política, pelo uso da mentira para conquistar posição, por um poderzinho de sindicato, de movimento popular, pela convicção de ser melhor do que o coletivo ou, também, pelo excesso de militância.

Quem diz: "Sou um super militante, participo do MST, da CUT, dos movimentos populares, da pastoral, estou em todas". Eu respondo: "Não, você não é militante, você é um *militonto*". Militante que não ri, não faz festa, não tira férias, não namora, não se diverte começa a desconfiar dele, porque vai dar zebra. Como dizia o companheiro Che, não se pode ser apenas duro, perder a ternura. Por quê? Porque como temos que parar para dormir, descansar a cabeça, temos também que parar para se divertir, celebrar, resgatar as energias. Caso contrário, nossa saúde psíquica vai para o brejo. Começamos a ficar duro com os companheiros, agindo como militante fariseu, e não como militante sadio. O militante fariseu é aquele que é duro com os outros, mas não consigo mesmo; o sadio é tolerante com os outros e exigente consigo. Mas, essa exigência tem que apoiar-se na festa e na fé. Isso é fundamental.

A repressão da ditadura conseguiu acabar com todos os movimentos armados. Por que nos derrotou? Onde falhamos? Tínhamos quase tudo: coragem - vários companheiros deram a vida na luta -, teorias, armas, dinheiro das expropriações bancárias etc. Faltou um detalhe: apoio popular. Não tínhamos o prin-

cial e, por isso, a ditadura conseguiu criar um fosso entre nós e o povo.

Prestem atenção: quando a gente começa a achar que a gente é vanguarda, que o povo não sabe, é ignorante, atrasado, sem querer começamos a fazer o jogo da direita, porque tudo o que ela quer é que a vanguarda fique separada da massa. A minha geração sentiu isso na resistência armada. Ora, um revolucionário assume todas as dimensões importantes para o povo, e uma dessas dimensões é a religiosidade. Fico muito desconfiado de companheiros que fazem um cursinho por aí, aprendem meia dúzia de teorias revolucionárias e já saem torcendo o nariz para a fé do povo. Isso é um perigo. Lênin, que não era médico, mas entendia de revolucionário, já tinha diagnosticado isso. Chama-se esquerdismo, "a doença infantil do comunismo". Tomem cuidado com esse sintoma.

Temos que caminhar no ritmo do povo, para ajudá-lo a caminhar no ritmo das mudanças sociais. Se a minha avó e a minha mãe são agricultoras semi-analfabetas, não estão entendendo, o problema não é delas, o problema é meu. Como militante tenho que encontrar uma pedagogia, de modo que elas venham a entender a nossa língua. Que o povo não entenda certas coisas, isso não é problema, é resultado do sistema de dominação em que vivemos.

O trabalho com o povo

Sai da prisão em 1973 e fui viver em uma favela, em Vitória, no Espírito Santo. Vivi ali cinco anos. Ao chegar lá torci o nariz, porque domingo, dia em que eu podia encontrar os vizinhos, encontrava todo mundo trancando dentro de casa, vendo o programa do Sílvio Santos. E eu dizia: "Como esse povo é alienado, passa o domingo vendo o Sílvio Santos!" Até descobrir que o alienado era eu, que não entendia por que que o povo ficado ligado na TV. Descobri que o povo vê Sílvio Santos porque é muito pobre e não tem dinheiro para passear no domingo, não tem espaço para ir no teatro. A única maneira de distra-

ir a cabeça e não pensar no sufoco da vida é, no fim de semana, sentar diante da televisão e ficar vendo as bobagens do Sílvio Santos.

Como é importante conhecer a cabeça do povo e não achar que a nossa cabeça entende tudo, porque pensamos diferente. Se não tomamos cuidado, acabamos como aquele vigário que resolveu tirar as imagens da igreja e pôs a de São Sebastião na garagem da casa paroquial. No domingo, a igreja estava vazia. Todo mundo se reuniu na garagem da casa paroquial. Ou seja, ele nem perguntou para o povo se queria ou não que tirasse a imagem. Achou que sabia o que era bom para o povo e quebrou a cara, porque o povo tem uma relação com os santos que é diferente da relação do vigário.

Após anos na favela, vim para São Paulo, onde trabalho há 20 anos, sobretudo no ABC. Participei de todas aquelas greves dos metalúrgicos, e continuo fazendo esse trabalho. O que aprendi ao longo desses anos? Aprendi algumas coisas importantes. Só vamos construir a nova sociedade se começarmos agora, e começarmos por cada um de nós. Ninguém vai poder construir a sociedade nova deixando os nossos defeitos virarem tirírcia na sociedade velha. Trabalhei muitos anos nos países socialistas. Estive na Rússia, na China, em Cuba inúmeras vezes, na Nicarágua, na Tchecoslováquia, na Polônia e na Alemanha Oriental, antes da queda do muro de Berlim. E se vocês me perguntassem: "Por que o socialismo fracassou na Europa e caiu o muro de Berlim?" Eu responderia: "Porque quiseram construir uma casa nova com material velho." Não dá. Se queremos construir uma sociedade nova, temos que fazer esforço, desde agora, para sermos homens e mulheres novos. Em nome da casa nova não podemos agir de uma maneira velha. Podem ter certeza, não dá para construir casa nova com material velho. Bate um pé de vento da história e vem tudo abaixo, como o Muro de Berlim foi abaixo e nos desmoralizou, porque defendemos o socialismo como uma etapa superior de sociedade.

Outro fator que explica o fracasso do socialismo no Leste

européu: o ser humano tem duas grandes fomes - a de pão e a de beleza. Beleza, é tudo isso que dá sentido à vida, tudo isso que não é material, mas é essencial. Fome de beleza é a fome de amor, de festa, de alegria, de fé; é a fome de amizade e de companheirismo. A primeira fome o socialismo respondeu - a fome de pão. Mas, infelizmente, não respondeu à segunda, a fome de beleza. Por quê? Porque era tudo de cima para baixo. O povo não tinha direito de sonhar como gostaria. Então, a cabeça do povo começou a sonhar com o sonho do capitalismo, como se fosse melhor, e o povo acabou indo para a rua, para derrubar o socialismo, para virar capitalismo. Hoje aquele povo sabe que vive numa situação pior do que no socialismo. Mas, agora é tarde.

Ora, isso é muito importante para nós. Para não cometermos os mesmos erros no futuro, temos que conhecer a história do passado.

O estudo e a militância

Pediram-me para falar da importância do estudo. Vou dar algumas dicas de como você deve cuidar do estudo. Primeiro, ande sempre com um livro. Seja lá o que for fazer, onde for fazer, ainda que tenha idéia que, hoje, não vai dar tempo de ler uma linha. Ande sempre com um livro, pois, no fim da semana, você vai ver quanto conseguiu ler. Se você não andasse com aquele livro, não teria lido tanto.

Segundo, leia do começo ao fim os romances, os livros de ficção. Mas, nos outros livros, leia apenas o tema que interessa. Não caia na besteira de ficar lendo livro de ensaio, livro de história, do começo ao fim, como quem lê um romance, senão vai ficar muito chato.

Se você quer, por exemplo estudar o que foi a luta de Canudos: pegue três ou quatro livros que falam disso e procure nos índices os capítulos que tratam de Canudos. Aprenda a ler a partir dos índices dos livros. Aprenda a consultar dicionários e enciclopédias. Nunca ninguém sabe tudo. Não devemos ter ver-

gonha de aprender e de perguntar. Pintou uma palavra que você não entende, procure-a no dicionário. Pintou um tema que você não compreende, consulte a enciclopédia. Faça ficha daquilo que você está aprendendo, anote, guarde. Daqui a cinco anos, se você tiver que falar sobre Canudos numa palestra, não vai precisar encontrar mais aqueles livros que leu. Basta pegar as fichinhas, as anotações mais importantes que fez, e você poderá discorrer facilmente sobre Canudos.

Adquira o gosto pela informação e pela leitura. Na medida do possível, não deixe de ler jornal. Jornal é importante, porque traz informação atualizada. Você lê a notícia e vai formando idéia da conjuntura, vai descobrindo quem é quem na sociedade brasileira. Leia sempre com espírito crítico; toda vez que a grande imprensa elogiar muito alguém, fique com um pé atrás; e toda vez que descer o pau, fique com um pé na frente. É preciso ter senso crítico.

É importante debater em grupos aquilo que se leu. Por isso que é bom estudar em grupo. Um mesmo grupo pode ler sobre o mesmo tema ou o mesmo livro e, depois, debater. Ou assistir a um mesmo programa de TV ou a mesmo vídeo e, em seguida, discutir; um mesmo grupo assistir ao mesmo filme e, depois, trocar idéias. Isso cria sensibilidade, consciência crítica, capacidade de análise dos meios de comunicação.

Os valores da nova sociedade

O nosso desafio é construir uma sociedade de valores novos. Sabemos quais são os valores: partilha, solidariedade, companheirismo etc. Queremos sim, construir uma sociedade socialista, sem os erros do socialismo da Europa. Também não queremos trazer o modelo cubano para o Brasil. Queremos construir o socialismo brasileiro, com a nossa maneira de ser - muita religião, carnaval e futebol. Ou seja, cada socialismo tem que corresponder à índole do seu povo. Queremos um socialismo com muita democracia e justiça. Para isso, temos que fazer de nossos movimentos, ensaios da nova sociedade que queremos

criar. Ou seja, não é esperar o Brasil mudar para, em seguida, começarmos a nova sociedade. É já, agora, dentro da velha sociedade, como Jonas na barriga da baleia, ir criando o ensaio da nova sociedade nas nossas comunidades. E desenvolver uma profunda cultura da solidariedade.

Essa cultura da solidariedade, segundo o Evangelho, tem uma outra palavra - cultura do amor. Nós nascemos capitalista. Já repararam num bebê? Nada mais capitalista do que um bebê. Ele só pensa nele. As três horas da madrugada põe a boca no trombone, porque está com fome, e não pensa nos pais que estão dormindo. Por isso o capitalismo é tão forte, pois corresponde ao que temos de pior, o egoísmo. Amar é o resultado de uma educação.

Como se desenvolve essa educação? Dizendo, eu agora vou amar? Não basta isso, é mais do que isso. É aceitar que o grupo, no qual trabalho, me faça críticas. O Evangelho conta que Jesus perguntou para os apóstolos, "O que é que vocês pensam de mim?" Em seguida, "O que o povo pensa de mim?" (*Matheus 16, 13-15*).

Um dirigente que não tem coragem de perguntar aos seus dirigidos: "O que vocês pensam de mim?", é porque ele já começa a desconfiar que o pessoal não pensa o que ele gostaria que pensasse. É muito importante saber ouvir críticas.

Quando abençoamos casamentos, sempre recomendo aos casais: combinem que, durante o mês inteiro, ninguém pode criticar ninguém, nem o marido a mulher, nem a mulher o marido. Mas, fica acertado que, na segunda terça-feira de cada mês, os dois vão se encontrar frente à frente, para colocar em pratos limpos tudo que está atravessado na garganta e no coração.

Podem seguir a receita que o resultado é ótimo. Nada pior do que um estar alegre e outro vir com reclamações ou vice-versa. Quando se sabe que tem que esperar a segunda terça-feira do mês para pôr tudo em pratos limpos, aí não tem surpresa. Saber ouvir críticas ajuda a crescer. Quando eu crítico você e você me critica, eu não estou querendo destruí-lo, mas quero fazer de você uma pessoa melhor, e vice-versa.

Como dizia o velho Marx, "ninguém é juiz de si próprio". Temos uma capacidade incrível de justificar os próprios erros. Também não vamos bancar o fariseu, como disse Jesus. Fariseu é aquele capaz de catar piolho na cabeça do outro, mas não cata um camelo que está na cabeça dele. Como diz o Evangelho, cata um cisco no olho do outro, mas não tira a trave que está no seu. Temos que ser tolerantes, éticos, capazes de suportar a diferença do companheiro, da companheira, sem transformar a diferença em divergência. Tem gente que é mais tímida e gente que é mais sociável; gente que é mais séria e gente que é mais alegre. Uma coisa importante é cada um descobrir o seu jeito, a sua vocação, e saber respeitar e valorizar o outro.

III - VALORES QUE DEVE
CULTIVAR UM
LUTADOR DO POVO

Ademar Bogo

INTRODUÇÃO

Há momentos na história da humanidade que as saídas parecem obscuras, o desânimo toma conta de determinados setores sociais, a fraqueza parece ser a lógica da sobrevivência e admitir a derrota é a única saída.

Mas, de repente como se uma energia brotasse do chão, começa a contagiar as pessoas, e estas vão se levantando, se dando as mãos, entrelaçando os dedos, apertando-se, não querendo mais soltarem-se. Partem em busca de alguma vitória que os antepassados não conseguiram realizar.

Muitos ficam estupefatos sem saber explicar, temendo pelo que poderá acontecer. Mas quem se apossar desta energia parece querer mais, não cansa, não sente dor, não vê limites, simplesmente porque entendeu que a morte, a injustiça, o desânimo, as derrotas, não são as últimas palavras da história.

Rapidamente vê renascer a altivez, a credibilidade, a confiança, a esperança, a cumplicidade, a motivação, a ternura, a alegria e as canções brotam dos lábios como cachoeiras, como se estivessem ali guardadas para saírem em pedaços, neste momento de encontro das mãos e dos sentimentos. Nasce assim um, dois, milhares, milhões de lutadores do povo. Viverão enquanto a energia dos verdadeiros valores fervilhar em cada coração. Desaparecendo este fervor, o lutador transforma-se de água corrente em bloco de gelo, impossibilitando qualquer iniciativa de surgimento de vida.

São os lutadores do povo como disse o filósofo. Se o mundo fosse um coelho a maioria das pessoas estaria escondida entre os pelos procurando um lugar seguro, rente ao couro, em busca do calor aconchegante para garantir uma vida tranqüila. Enquanto que, os lutadores estariam se arriscando, agarrados na ponta de cada pelo, e de lá gritariam para que as pessoas não se acomodassem, pois há tanta coisa a fazer e a observar no universo. Por que ficar lá embaixo?

Aos lutadores do povo, poderíamos também chamá-los de militantes, quadros ou revolucionários. São aqueles que se arriscam, fazem tremer os torturadores que pensam que através da dor conseguem retirar informações da consciência de pessoas tão dignas, que bebem energia nas virtudes e valores que acreditam. É nesta fonte que bebem e buscam forças para resistir.

Mas este mistério de resistir, sorrir mesmo na dor, chorar para comemorar as vitórias, cantar para dizer poesias, somente entende quem sinceramente vive e sabe abraçar esta grande causa da libertação do povo.

Este mistério que os poderosos não entendem, está na natureza, na composição de cada ser humano, que procura encontrar-se com a verdade, e vive em função dela, que passa de geração em geração, como se os lutadores mais novos fossem filhos de sangue dos lutadores mais velhos, não importando em que país nasceram.

Os tiranos querem deixar sua descendência pelo nome. Muitas vezes o repetem por várias gerações como se uma pessoa fosse a encarnação da outra. Os lutadores do povo, e portanto revolucionários, por natureza são imortais. Mas não pelo nome, pois muitas vezes obrigam-se a mudá-lo para enganar a repressão, e sim pela obra que desenvolvem e ajudam a construir, que deve ser apropriada pelas futuras gerações, que com certeza virão.

Ernesto Che Guevara, foi um lutador do povo que teve que mudar o nome quando viajou para a Bolívia pela última vez para organizar a luta guerrilheira. Em seus documentos constava o nome de Ramón Benitez. Antes de sair de Cuba quis ter um encontro com seus filhos ainda pequenos, para saber se os disfarces estavam perfeitos, pois segundo ele, se as crianças não o reconhecessem, nem os militares por onde andasse saberiam quem era. Assim aconteceu, brincou horas com as criancinhas como "tio Ramón" e estas não o reconheceram. Foi a última vez que viu seus filhos e eles, sem saber, pela última vez viram o pai.

Orgulha-nos porém ver em toda América Latina e no mundo, esta grande descendência humana de lutadores que seguem este grande ser humano Che Guevara. Não importa que os nomes sejam diferentes. Somos herdeiros de sonhos e não de patrimônios.

Os revolucionários conhecem suas tarefas como seres humanos, que nascem em um determinado tempo e transformam-se em homens e mulheres deste tempo, como se fossem pedaços de um canal encostados um ao outro, feito pela sequência de gerações e cada uma tem por obrigação conduzir o sangue para formar gerações futuras. Junto com este sangue vão os conhecimentos, as experiências, as lições, os sonhos e as esperanças que jamais devem morrer.

Os lutadores do povo são seres humanos iguais ao povo. Apenas se diferenciam por saber marcar o ritmo dos passos, para que o povo não pare e nem canse, e neste caminhar alcance o que satisfaz a todos no momento certo.

Ser lutador do povo é perder a oportunidade de ver os próprios filhos crescerem para ocupar-se da criação dos filhos de gente que compõe o povo. Há que ser assim. Povo existe se estiver em luta. Em luta permanente estão os lutadores. A elite jamais será povo por não ter coragem de lutar, por isso contrata soldados para formar exércitos que lutem em seu nome.

Sem luta e sem lutadores o povo é multidão dispersa, sem esperanças.

Convicção é a palavra que deve identificar um lutador do povo. Assim se nasce, assim se vive, e assim se vence. Um lutador do povo não morre jamais pelo simples fato de que ele nunca vive para si mesmo.

Os lutadores do povo, mesmo na dúvida, estão convictos de que é preciso lutar e lutar para vencer. Por isso cultivam e alimentam valores. Destacaremos sem ordem de importância alguns deles para que possam despertar em nós a disposição de implementá-los e resgatar nesta luta centenas de outros valores que farão de nós seres humanos mais perfeitos.

1º – O valor da solidariedade

Mais do que nunca a solidariedade se torna um valor fundamental, mas devemos entendê-la e desenvolvê-la a partir de nossos interesses de classe, dentro de nosso território e fora dele.

Há um processo acelerado em andamento no mundo de “desconstrução” das nações. O mundo passa a ser um campo aberto para o mercado e para o capital financeiro. O pior é que está havendo também uma desconstrução dos valores e dos seres humanos.

Ao mesmo tempo em que o mercado estabelece sua relação econômica entre empresa e consumidor, amplia sua influência ideológica fazendo a diferenciação entre “incluídos” e “excluídos”. Entre os incluídos a solidariedade passa a ter caráter de “colaboração”. Quando vem dos incluídos para os excluídos tem caráter de “assistência”.

Embora estas atitudes amenizem algumas dificuldades não se pode confundir solidariedade entre pessoas da mesma classe com doações ou ajuda nacional e internacional.

Estima-se que o Banco Mundial e outros agentes liberam mais de 4 bilhões de dólares por ano nesta política de “colaboração” para Organizações não Governamentais (ONGs). Estas, por sua vez, passam a desenvolver políticas localizadas que, além de isolar as iniciativas, retiram delas o caráter de classe.

A solidariedade representa atitudes completamente inversas à colaboração. Deve ser a ação consciente de pessoas da mesma classe na busca de alternativas conjuntas para se buscar soluções definitivas e para todos.

O neoliberalismo, sistema ideológico da globalização, em nome do mercado, cruelmente asfixiou sindicatos, reduziu a importância de determinadas categorias, intimidou trabalhadores que no passado foram por demais combativos e estabeleceu como norma o controle rígido sobre os estados nacionais, para que estes se transformem e se enquadrem dentro da visão e do conceito de Estado dos países ricos.

Sendo assim, muitas categorias sentem-se impotentes para

enfrentar este monstro repressor e engolidor da dignidade. A solidariedade de classe é fundamental para que outras categorias de empregados, estudantes, camponeses e operários, se somem nas lutas pela defesa de direitos conquistados e a garantia do respeito à dignidade humana no trabalho.

Também a solidariedade internacional passa a ser um marco no horizonte da luta de classes. Embora tenhamos que reavivar os projetos nacionais, pois é onde cada nação deve resistir, não podemos fechar-nos para soluções de nossos problemas domésticos, isso porque muitos problemas domésticos somente se resolvem com lutas amplas e internacionais.

Mesmo que o esforço empregado não seja para resolver nossos problemas particulares, contribuindo para a solução dos problemas dos outros povos, é um grande passo que estamos dando no aperfeiçoamento da consciência humana através da solidariedade.

Solidariedade é, portanto, buscar alternativas para elevar o ser humano a uma nova categoria, tanto na qualidade de vida quanto na qualidade de consciência e na construção de novos valores.

Solidariedade é mais do que doar o que nos sobra, mas também o que nos pode fazer falta, por entendermos que o ser humano tem esta possibilidade de permitir que todos os povos tenham o direito de satisfazer suas necessidades, mesmo que isso dependa da ajuda e da participação solidária de todos.

2º – O valor da indignação

A indignação é uma qualidade que um lutador do povo jamais pode perder. Indignar-se contra as injustiças e contra as atitudes de quem as comete. Embora se ouça governantes falar contra a violência e prometer segurança, são eles os primeiros responsáveis por ela existir.

Não podemos acreditar que miséria econômica e financeira significa violência. Se assim fosse a população norte americana não estaria temendo pela vida de seus filhos estudantes nas escolas. Se aceitamos isso, estaremos contribuindo para o fortaleci-

mento do preconceito de que “pobre é violento” e por isso quando assistimos na televisão programas ao vivo de caça à jovens pobres que vivem nas periferias das grandes cidades, ficaremos torcendo para que a polícia os alcance e os exterminem. Desta forma, um dia poderemos ser nós, os lutadores, sendo obrigados a correr da polícia para defender a vida, e a população ficará, também, do mesmo sofá, torcendo para que nos mate.

A violência é fruto do incentivo ideológico velado que propositalmente a classe dominante impõe à sociedade, seja para vender armas, seja para que os pobres se exterminem por conta própria.

Há outros tipos de violência que os governantes e a elite são os principais responsáveis. Embora seja antiga esta pesquisa, há uma comprovação que temos nos estados do nordeste 300 mil meninas com menos de 14 anos, na prostituição. A virgindade de uma menina que fugiu da seca, refugiada em alguma capital nordestina, com idade entre 10 e 12 anos, vale R\$ 20,00 (vinte reais) pagos aos pais e vendida para turistas norte-americanos a preços que não sabemos. A origem desta prostituição está na fome e não na pobreza, causada pela falta de decisão política de resolver o problema da seca.

Há também que indignar-se com as estatísticas, pois elas não são apenas números enfileirados em tabelas. Representam sofrimento, fome, desnutrição e morte. Dizem as pesquisas, que 72% do leite produzido no mundo, alimenta apenas 1/4 da humanidade do hemisfério norte, ou seja, dos países ricos, e os outros 28% ficam para o restante da humanidade. Cerca de 92% dos automóveis circulam no hemisfério norte e 81% do papel produzido no mundo também gasta-se por lá. Esta grande disparidade de produção e consumo faz com que os países subdesenvolvidos fiquem cada vez mais em desvantagem. Além de ter que pagar a impagável dívida externa, como a brasileira que nos últimos dez anos pagamos 216 milhões de dólares de juros e ainda devemos 212 bilhões de dólares da dívida, a cada dia aumenta mais.

Indignar-se contra qualquer injustiça deve ser a característica fundamental de um lutador do povo, seja ela de caráter local ou internacional.

Se perdermos a capacidade de nos indignar, perdemos a virtude da sensibilidade humana, e nos identificaremos com as máquinas, que nascem e morrem sem sentimentos e sem coração. Por isso não devemos esquecer de ouvir o grito do velho Chaplin que disse: "Não sois máquinas, homens é que sois".

A indignação deve porém tornar-se atitude, ação concreta de protesto e de defesa dos injustiçados, em se tratando de identidade de classe. Há casos de injustiças, contra algum representante da classe dominante que não se tratando de desrespeito a vida humana, não deve nos comover, por se tratar de resposta a outras injustiças anteriormente cometidas. Respeito à vida não significa impunidade.

Há também que festejar e alegrar-se quando conseguimos ou vislumbramos sinais de justiça, pois assim também exercitamos nossa sensibilidade. Como exemplo podemos citar a prisão do carrasco e ditador General Augusto Pinochet, na Inglaterra. Ainda não é a justiça que queremos, pois o povo chileno deverá fazer a sua justiça, edificando sobre os destroços de seus sonhos, um novo país, porque alguns anos de cadeia não trazem de volta todos os revolucionários assassinados, mas servem pelo menos como consolo, sem perder de vista o objetivo estratégico.

3º – O valor do compromisso

Compromisso é uma atitude de permanente vigilância sobre os propósitos feitos coletivamente.

O caminho para a liberdade é longo e tortuoso, nem todos resistem até o fim. Há muitas tentações que nos querem confundir. Muitas vezes pensa-se em encurtar o caminho para chegar mais rápido. Mas aí poderá estar uma armadilha colocada no caminho para iludir-nos de que alinhando-nos com determinadas forças será mais tranqüilo o caminhar e chegar ao lugar desejado.

É fundamental entender que na mesa dos ricos não há espaço para aqueles que não são de seu meio. Retratamos bem com a poesia "Na mesa dos ricos", simbolicamente representada pelo cão e os lobos, que significa esta limitação de espaço que muitos desaperecebidos para fazer carreira, ou para garantir privilégios, iludem-se que lá há lugares vagos para sentarem-se à mesa. Vejamos este exemplo.

"Um cão oportunista que vagueava

Ao ver uma cadeira vazia

À mesa dos lobos se assentava.

Estos lbes sorriam... e a eles fiel se dedicava.

Imaginava o cão por ser bem parecido

Que os lobos o tratariam eternamente,

Se tornaria um deles certamente

E ali ficaria bem servido.

Um certo dia um lobo ao chegar

Viu o cão sentado e o convidou a levantar.

- Veja bem fiel cão, chega a hora

de deixar este lugar e cair fora!

- Mas como? – fala o cão sem entender –

Era eu quem cuidava deste posto e garantia-lhes o poder!

- Certo é fiel cão. Agradeço por ter-nos bem servido!

A verdade por termos permitido

sentar-se à mesa e o poder com nós ter dividido

era porque nosso filbo menor

não tinha ainda crescido".

Os ricos têm também seus compromissos de classe. Assim como eles não querem fazer parte de nossas fileiras, também não aceitam que alguém de nós desfrute dos privilégios que lhes pertencem, a não ser que sirvamos como mão-de-obra, mas isso será por tempo determinado. Há momentos em que eles se negam a deixar comer até as migalhas que caem de suas mesas fartas.

4º – O valor da coerência

Um lutador do povo deve ser coerente, isso não significa que não possa evoluir em seus pensamentos. Ao contrário, como a história é dinâmica, nem todo o conteúdo que explicava as coisas continua sendo suficiente, por uma simples razão dialética: as coisas evoluem e se transformam.

Aprendemos na filosofia, que nas coisas, na matéria, e mesmo nas decisões políticas, existe um movimento interno de transformação. Usamos o exemplo de uma fruta para compreender melhor. Uma laranja já foi botão, depois flor, depois transformou-se em fruto, depois cresceu muito ácida, depois amadureceu e ficou doce e está no ponto de ser colhida. Se não a colhermos e a chuparmos continuará com seu movimento interno e apodrecerá, e deixará de ser laranja, liberando as sementes para que se transformem em planta e inicie sua transformação em outras condições. Vemos então que a cada movimento surgem novas propriedades e algumas são eliminadas como por exemplo: para onde foi o perfume da flor da laranjeira após esta ter se tornado fruto?

Assim deve ser um lutador do povo. Ser coerente e acompanhar atentamente o movimento interno de cada ação em separado, e das ações na sua globalidade. Em tudo há esse movimento interno, que somente a atenção precisa e dedicada de um lutador social pode perceber.

Há pessoas que através de análises fundamentadas em aspectos particulares, renegam os conceitos e em muitos casos falsificam a própria realidade. É preciso entender que sem a flor nunca chegaremos a ter laranja. Negar a matriz das coisas pode ser a forma mais adequada de tornarmo-nos imbecis e ignorantes, mesmo permanecendo na luta política.

Houve-se falar que “a luta de classes acabou” simplesmente porque dizem que “já não há mais classes sociais”, entendendo que a globalização do mercado “penaliza a todos”, por isso a atenção deve estar voltada para as questões de “gênero”, “ecológicas”, das “minorias”.

É verdade que estas são questões importantes e que no passado não se dava muita atenção, mas não podem ser tratadas fora desta perspectiva da luta de classes. Vejamos: podemos lutar e conquistar direitos iguais entre mulheres e homens, mas continuaremos pobres. Podemos salvar as plantas e todas as espécies de animais e insetos, mas continuaremos pobres. Podemos acabar com o racismo e o preconceito e continuaremos pobres e explorados pelo imperialismo. Logo, todos estes aspectos são fundamentais mas não podemos tratá-los fora da perspectiva da luta de classes. Os problemas de discriminação, preconceitos, negação de direitos, são produtos da estrutura e do modelo de sociedade exploradora e excludente por natureza. Certamente estas contradições serão solucionadas na medida em que forem eliminadas as diferenças entre as classes sociais e reconstruirmos a sociedade brasileira em outras bases.

Ser coerente não significa dogmatizar conceitos e explicações. Os dogmas existem para coisas que completaram seu ciclo de desenvolvimento, muito utilizados na filosofia idealista e nas religiões, ou em fatos consumados. Por outro lado, também não significa mudar totalmente, simplesmente porque as ondas ideológicas estão em alta em algum momento.

Um lutador do povo deve ser coerente com seu poder aquisitivo. Há exemplos de “ex-lutadores” do povo que foram se transformando aos poucos, por mudarem de atividade repentinamente. Por exemplo muitos que assumiram cargos em administrações, viram rapidamente seu patrimônio crescer como que por milagre. Moravam no bairro, mudaram-se para o centro da cidade; tinham um carro velho, aparecem com carros novos; construíram casas de ótima aparência etc. É claro que somos a favor do progresso econômico e do bem estar individual, mas isso às vezes parece ser tão inexplicável que apenas alguns evoluam e a grande maioria, tanto de funcionários quanto de militantes que ajudaram a conquistar estes espaços, ficam no mesmo patamar econômico sem nunca ver melhorias.

A coerência também deve estar relacionada com a prática.

Para um lutador do povo não tem tarefa mais importante ou menos importante, todas elas fazem parte do mesmo plano tático. Por isso, não é justo negar-se a fazer algumas tarefas por achar que estas pertencem a um nível "inferior" de militância.

Os privilégios também devem ser evitados. Há pessoas que fazem questão de tratar melhor os dirigentes e lideranças, as vezes é até por demonstração de carinho, mas não pode ser uma constante, pois isso vicia e dá mau exemplo aos novos lutadores. Os mesmos sacrifícios que pertencem ao povo pertencem também aos lutadores e estes devem ser os primeiros a fazê-los.

Coerência com a história e com as origens. A história dos povos é feita de esforços, sacrifícios, lutas, derrotas e vitórias, que servem como inspiração e motivação para seguir em frente. Há momentos em que houve-se análises relativizando ou desclassificando longas lutas, duras batalhas, simplesmente porque há aspectos metodológicos que não concordamos. É muito fácil criticar hoje os erros e desvios da revolução Russa, pois estamos a 83 anos de sua realização. Embora tenham sido derrotados recentemente pelas investidas do neoliberalismo, não podemos diminuir a importância de terem tentado construir e por algum tempo terem experimentado viver a liberdade. E o que fazer com 28 milhões de mortos daquele país para defender o socialismo na segunda guerra mundial? De nada valeu? Nem a razão pela qual lutaram e morreram? Portanto, criticar olhando pelas janelas dos escritórios e apartamentos pode ser muito importante para não cometer erros, mas parece ser muito cômodo quando não temos coragem de dar sequer um passo para resgatar e continuar a busca daquele mesmo sonho utópico, construído nas circunstâncias históricas que eles encontraram, derrotados pela incoerência de certos dirigentes.

A coerência com as origens também é fundamental. O princípio marxista que define a "consciência social como sendo fruto da convivência social" é verdadeiro. O meio influi na conduta, no pensar e no agir das pessoas. Por isso é preciso cuidar para

que os lutadores do povo ao mudarem de lugar social não neguem suas origens de classe. Por isso devemos aperfeiçoar constantemente as reflexões sobre a prática. Cargos em instâncias ou em repartições públicas, são apenas tarefas e não profissão. E tarefas tem períodos para serem cumpridas. Pessoas que permanecem por muito tempo na mesma tarefa podem ter deformações de postura e de conduta. Devemos seguir o princípio de que ninguém é insubstituível e nem imprescindível, e dentro da luta de classes, todos têm defeitos, mas também qualidades, basta que saibamos aproveitá-las.

5º – O valor da esperança

Não existem derrotas definitivas. A esperança é como água que umedece o leito da estrada, no subsolo. Por mais que se tente soterrá-la, sempre surpreende e renasce mais adiante. Há um provérbio popular muito sábio que diz: "ninguém consegue cercar a água, e quando tentam, os muros das represas sempre ficam abaixo".

O povo é esta fonte de água que jamais conseguem cercá-lo. Embora haja repressão, enganação e acomodação, é apenas um momento que tentam deter, mas enquanto detêm, acumula-se forças para voltar com mais energia e faz ruir a represa da dominação. Por isso os poderosos temem a história, porque sabem que a rebeldia sempre traz de volta sonhos que estavam descansando em algum lugar da consciência dos que não admitem deixar jamais a esperança morrer.

Não podemos imaginar que as coisas acabam por inteiro. Muitos ouviram falar que o socialismo morreu e acreditaram, sem perguntar, que tipo de socialismo morreu? O nosso socialismo não pode ter morrido, pois ainda não o construímos! Dizem mais, que a teoria do socialismo morreu e a classe trabalhadora não tem mais ideologia, agora só tem capitalismo. Se as verdades que estão no *O Manifesto Comunista*, escrito a mais de 150 anos forem tornadas mentiras, mesmo assim a classe trabalhadora do mundo todo teria ideologia contrária ao capitalis-

mo, pois a filosofia do socialismo é a ciência da história, e como ciência da história pertence aos lutadores do povo, àqueles que na história da humanidade ousaram construir sociedades com valores opostos aos das classes dominantes e continuam vivos, abraçados com o tempo.

Onde beberão os herdeiros de "O Manifesto Comunista", da Comuna de Paris, das revoluções em todos os continentes, dos Quilombos, de Canudos, da Coluna Prestes, das Ligas Camponesas, da luta armada da década de sessenta, se tudo foi em vão? Isso tudo não foi brincadeira, mas a tentativa de lutadores de indicar e construir o próprio destino. Os velhos e novos arquitetos só podem beber nesta profunda fonte da ciência da história, onde está depositado o líquido da sabedoria, produzido pela experiência de lutadores sinceros, que se identificam nos sonhos e na esperança de ver um mundo melhor.

A esperança na história das lutas dos povos é uma chama que em determinados períodos diminui de tamanho, mas não morre. Continua lá, com a mesma quentura, a espera de um impulso para erguer-se e iluminar o caminho de quem acredita na possibilidade de construir a felicidade com todas as mãos e corações interessados a viver a dignidade.

6º – O valor da confiança

Em momentos de crise, não percebendo saídas, é natural nascerem sintomas de desconfiança, desestímulo, frustrações.

Muitas vezes estes períodos são necessários para que despertemos das ilusões que criamos em torno de paradigmas ou modelos que foram engolidos pela história e não nos demos conta. Passamos então a ter atitudes de repulsa como o menino que xingava a calça por esta deixar a mostra um pedaço da canela, sem perceber que suas pernas haviam crescido e somente elas poderiam crescer, a calça não.

A confiança é o primeiro fator para a recuperação da autoestima das pessoas. A classe dominante procura ao longo do tempo estabelecer situações que levam as pessoas a sentirem-se der-

rotadas, através da ideologia que cria o complexo da inferioridade. As crianças o assimilam desde a infância, quando vêem brinquedos sofisticadíssimos na televisão, e ao pedirem aos pais para que comprem um, recebem como resposta "não, porque é muito caro e nós somos pobres". Para as crianças o reflexo que fica é que ser pobre é ser inferior. Ou então quando se vê na televisão propaganda de apartamentos luxuosos e as famílias sem ter onde morar e sem condições financeiras, percebem que aquela propaganda não foi feita para eles, por serem pobres, vem logicamente o sentimento de inferioridade, de fraqueza e de derrota.

Mede-se portanto a importância das pessoas pelas condições financeiras e pela quantidade de patrimônio que estas possuem.

Esta relação do ser humano com a propriedade é que precisamos equacionar. O capitalismo é o sistema do "tudo se pode comprar", e não é verdade. Mesmo que tenhamos a intenção de cada brasileiro ter um carro, isto será impossível mesmo tendo condição para isso, porque as estradas e cidades ficariam intransitáveis e a poluição do planeta pelo monóxido de carbono envenenaria as pessoas. Logo, esta ilusão deve ser desmanchada, e entender que o transporte coletivo, de boa qualidade, não tira a privacidade de ninguém, poderá suprir as necessidades tranquilamente, e os recursos financeiros que se empregaria em carros seriam aplicados em outras coisas que trarão bem estar. Isso não significa dizer que somente os ricos terão carros. Nossa confiança nos diz que os ricos não serão eternos, e como confiamos no futuro, acreditamos que eles serão extintos e a sociedade será fraterna e igualitária.

É fundamental superar o complexo de inferioridade e o preconceito que há entre nós. O analfabeto sente-se inferior ao intelectual. A costureira sente-se inferior a quem sabe computação. O pobre sente-se inferior ao rico. E assim por diante. As pedras que formam a base das muralhas têm péssima aparência, são mal talhadas e dificilmente consegue-se alinhá-las com precisão, mas sem elas não há estruturas que resistam.

Confiança é isso. É saber que somos importantes com nossas características, conhecimentos e sabedoria. Mas somente sentiremos esta importância se acreditamos nas pessoas, na coletividade. Individualmente o capitalismo permite e oferece condições para alguns poucos, e usam isso como exemplo para iludir a grande massa de excluídos, que se "você" tentar e quiser poderá também vencer sozinho. Podemos vencer, mas jamais individualmente. É nisso que devemos confiar. Aliás devemos acreditar em três coisas fundamentais: em nós, no povo e no futuro.

Embora muitas vezes não enxerguemos a linha do horizonte por causa da neblina, ela está lá, em algum lugar. Para vê-la, precisamos continuar caminhando.

Se a força dos impérios nos intimida, devemos pensar naqueles que já tiveram coragem de enfrentá-los e vencê-los. Os vietnamitas eram pobres, sem condições militares, inventavam suas próprias armas, transportavam-nas de bicicleta, não tinham mochilas para carregar seus pertences, comiam arroz que levavam na barra da calça. Ao contrário, os soldados dos Estados Unidos da América, que tinham armamentos sofisticados, com um poder de desfolhar e queimar as matas com um produto chamado "agente laranja" para descobrir os guerrilheiros, (produzidos pela mesma empresa Monsanto que hoje no Brasil, produz os venenos que desfolham e queimam a vegetação, a vida e a alma de nossos camponeses, que são obrigados a passar estes venenos), os soldados norte-americanos se alimentavam bem, comiam enlatados e carregavam até 18 quilos nas costas em modernas mochilas, tinham sacos térmicos para dormir. No entanto, para nossa alegria, foram derrotados porque o povo vietnamita havia decidido vencer e não se considerava inferior, confiava em sua capacidade estratégica e nas lideranças. Ho Chi Minh, um dos líderes daquela longa guerra, ao ser questionado se não deveria parar com ela e ceder, pois estava havendo muita destruição no país, pacientemente respondeu: "Deixem que destruam tudo, após a vitória nosso povo reconstruirá tudo, mais belo e melhor".

7º – O valor da alegria

A luta para os revolucionários não é um martírio, é um prazer, pois está construindo o caminho que leva à conquista dos sonhos coletivos. Assim, muitos pais e mães às vezes levam dias e meses sem ter contato com seus filhos. E os filhos menores às vezes sentem dificuldade em pronunciar seus nomes e chamar por eles. Isso poderia nos entristecer, mas é apenas uma das faces da saudade.

O lutador do povo, por estas circunstâncias, aprende a desenvolver a virtude da contemplação e vê seus filhos e seus companheiros em pequenas coisas, nas flores do campo, nas árvores no caminho, nas rochas gigantes que parecem despençar e tantas outras coisas que só os revolucionários são capazes de sentir.

Viver e praticar valores é uma virtude que somente os seres desinteressados pela naturalidade das coisas podem alcançar, pois procuram o extraordinário nas coisas de forma permanente.

Havia no passado práticas em organizações partidárias que, embora eficientes, burocratizaram tudo, inclusive a alegria e as relações humanas. À formalidade dos encontros, levaram a deformação das qualidades de um ser humano em atividade. Sorrir, cantar e dançar não quebram com a disciplina e nem reduzem o valor, a profundidade e a seriedade das idéias. Isso não pode significar, porém, quebra de disciplina e unidade interna da organização.

Em nome do marxismo muitos dirigentes políticos instituíram a frieza nas relações como se isso lhes desse mais poder. A razão de tudo isso pode ser porque o povo sempre esteve de fora, tanto das organizações, quanto da tomada das decisões, por não serem "quadros" e por isso sempre estiveram em esferas inferiores. Sendo assim, as instâncias partidárias foram ficando tão distantes das pessoas, semelhantes aos funcionários do estado que se atribuem super-poderes, que a simples insistência do cumprimento de um direito seu, podem lhe prender por "desacato à autoridade". Participar de uma instância da or-

ganização ou de qualquer cargo público não pode dar mais poder a ninguém, pois estes espaços foram criados para servir as pessoas e a sociedade.

A luta não pode ser triste se tivermos consciência de que estamos preparando o berço para as futuras gerações nascerem e crescerem felizes. Elas nascerão e herdarão de nós o prazer de fazer a história com alegria.

É claro que há momentos de dificuldades onde a tristeza, a insegurança, o cansaço, as divergências, a morte, enfim os atrapalhos, nos querem roubar a possibilidade de ver a felicidade acontecer. Mas são momentos apenas de dificuldades, como os que a mãe passa durante o parto. Por um momento sente-se insegura, mil preocupações, mas logo é abraçada pelo alívio com o anúncio da vida, pela voz que entoia a canção do choro, a canção do nascimento, dizendo-lhes que o perigo passou. E o sorriso nos lábios e no coração vai engolindo as dores levando-as para o esquecimento, já iniciando a preparação do ventre para preparar outra pessoa e passar pelas mesmas apreensões novamente quando chegar o tempo. E assim repete várias vezes. É o mistério da vida que sempre se repete.

A luta é assim também. Mesmo que se repita o mesmo gesto, que sofra a mesma dificuldade, um lutador do povo sempre está produzindo coisas novas, como a mãe que repete a geração contínua de filhos, mas cada qual com suas características e qualidades.

A sociedade que sonhamos construir deverá ser alegre porque teremos prazer em viver nela. Mas a alegria é como um músculo, se não a exercitar todos os dias, atrofia e seca.

A tristeza não pode construir nada de belo, embora às vezes tenhamos que conviver com ela, seu ciclo deve ser forçado a ser curto.

As formalidades são importantes, mas desformalizar também é uma forma de fazer as coisas sem diminuir a importância e a grandeza das cerimônias. Isso porque a maior parte da vida vivemos informalmente e não podemos agir como se tivéssemos duas

personalidades. Na rua, no trabalho, em casa, somos descontraídos e alegres e nos encontramos ou nas lutas somos calados e sérios.

A vida de um lutador do povo se compõe de todas as dimensões possíveis: trabalho, estudo, lazer, festa, encontros etc.. Há momentos que isso acontece separadamente, mas há momentos que isso pode acontecer ao mesmo tempo.

A alegria deve ser um referencial básico para os lutadores do povo pelo fato de que em qualquer lugar para onde vamos, levamos junto nosso coração e nossos sonhos. É neles que plantamos nossa utopia.

8º – O valor da ternura

Ternura significa reconhecimento. Reconhecer que há vida em tudo. Como disse Gandhi: "Tudo o que vive é teu próximo". E desta forma é possível acreditar que um ser humano consegue chegar à plenitude do amor e poderá neutralizar o ódio de milhões.

Na luta de classes esta virtude de buscar a plenitude é difícil, pois os fatos são nobres de contradições que às vezes, embora mantendo coerência no comportamento, na primeira oportunidade nos igualamos aos torturadores. A vingança não pode libertar ninguém. Ernesto Che Guevara, que certamente tinha suas fraquezas, dizia que devemos saber punir sem sequer deixar tremer um único músculo da face. Significa dizer que, mesmo punindo, deve haver um profundo respeito pela dignidade do ser humano, e devemos fazer sempre sem ódio.

É claro que na luta de classes existem sempre dois lados inimigos e um deve derrotar o outro, e a derrota definitiva quase sempre exige derramamento de sangue. Não há outra forma de se conseguir a libertação total da classe trabalhadora. Mas isso não significa que haja um desmerecimento da dignidade humana.

Como disse Mao Tse Tung: "Há vidas que possuem o peso de uma pena e outras que possuem o peso de uma rocha", mas ambas são vidas.

A ternura como valor está na linha do aperfeiçoamento do comportamento político e humano de um lutador do povo na sua relação com a coletividade.

A ignorância é o oposto da ternura. Os torturadores são ignorantes e incompetentes, quanto mais torturam, mais demonstram suas fraquezas. Por não terem a capacidade suficiente de recolher informações através de seus sistemas de investigação e infiltração, usam a ignorância como forma a ter aquilo que são incapazes de alcançar através da inteligência. Através da ignorância tentam dizer que estão derrotando a verdade que está com o inimigo, mas no fundo sabem que dependem dele para dar seqüência a seu esquema de repressão e isso depende da decisão do torturado.

Ternura, portanto, não significa perdoar o inimigo e deixá-lo ir para que se reabilite e volte mais preparado para nos atacar, mas jamais se pode desqualificá-lo enquanto ser humano, obrigando-o a fazer coisas que estão em desacordo com a lógica da continuidade da vida humana.

É difícil admitir isso, mas se não tivermos a capacidade de nos comportar de forma diferente, a sociedade que sonhamos construir jamais se iniciará, pois sempre haverá, mesmo na nova sociedade, pessoas que estarão procurando atrapalhar a construção do caminho e cometendo atrocidades. Saber punir, não pode ser um ato de vingar, mas de interromper o caminho do erro que ameaça a verdade. Os torturadores, são chamados assim porque combatem a verdade para legitimar o erro. Jamais podemos nos igualar a eles. É baixo demais.

Muitos revolucionários do passado nos ensinaram que devemos tratar bem os inimigos quando estes estiverem dominados, para que reconheçam que somos diferentes e se envergonhem pelo papel que desempenham.

Mesmo que muitas vezes o que sobra são as lágrimas, devemos nos propor a ser diferentes, para que se construam relações humanas e fraternas na humanidade toda.

Um lutador do povo não pode, em nome da ternura e dos

direitos humanos, fraquejar e deixar de ser "duro" e "enérgico" nos momentos precisos. Jamais pode esquecer a lição de Chê. "Endurecer-se, pero sin perder la ternura jamás". De modo que a ternura não implica em evitar a luta e a guerra, apenas nos ensina a ser humanos dentro dela.

É verdade, mesmo sabendo que a ternura é um valor, cometeremos erros e excessos, pelo simples fato de sermos seres humanos em desenvolvimento, e poderemos passar várias gerações para conseguir implantar completamente alguns valores. Mas, mais do que cuidar para não cair nesse desvio, devemos avaliar permanentemente nossas atitudes para saber se estamos tendo progresso. Punir sim, mas vingar-se jamais. Queremos e desejamos que nossos descendentes sejam melhores que nós.

9º – O valor da mística em forma de utopia

A utopia é colocada aqui como valor, no sentido de que devemos contestar a ideologia da incerteza sobre o futuro, como se o projeto da sociedade igualitária e a busca da perfeição não fossem mais possíveis.

Entendemos, portanto, como utopia a relação existente entre a dimensão concreta de um projeto real, que visa ir realizando o projeto abstrato, formulado com a ajuda da ciência e pela imaginação humana. Ter e manter a utopia deve ser um valor que se alimenta pela mística como sendo a razão que nos faz viver e buscar esta causa.

A elevação do nível de consciência consegue manter esta relação em permanente sintonia entre três aspectos: problema – causa – solução. Neste tripé é que se desenvolve a mística. Ou seja, sobre a realidade concreta se estabelecem as bases do projeto de transformação, e a mística é esta razão que move o lutador social na busca da realização desta causa.

O agravamento dos problemas sociais exige ainda mais apego à utopia para que se possa apresentar soluções definitivas. São os problemas que impulsionam as revoluções. A utopia se

apresenta como possibilidade de chegar à solução dos problemas. Ela deve ser entendida, portanto, como conteúdo do projeto que não se consegue alcançar nunca na totalidade, pois ela sempre está além da realidade e quanto mais andamos, mais nos convida a andar em busca da perfeição. Assim como temos as vezes a impressão de que se subirmos a montanha alcançaremos o sol com as mãos, mas ao chegarmos lá, veremos que ele ainda está muito distante, no pico de outra montanha. E se quisermos alcançá-lo, devemos seguir andando, até chegar em outro ponto e perceberemos que as circunstâncias se ampliaram e novamente somos convidados a andar.

Esta permanente busca é que caracteriza os lutadores utópicos no caminho da busca da verdade que cada vez mais se complexifica. Por isso nos preparamos, cuidamos da saúde, buscamos conhecimentos, fazemos treinamentos, embelezamos as casas, escrevemos poesias, como se estivéssemos sempre nos preparando para um grande encontro. Este mistério de preparar-se e jamais encontrar-se com a totalidade do projeto é o que nos move e impulsiona para vivermos esta causa tão humana e tão repleta de realizações. Este prazer de saber, sentir e fazer é que chamamos de mística. É esta força que nos move em busca da construção interminável da utopia.

Estamos vivendo um momento de profundas mudanças na história da sociedade humana e por isso as crises se apresentam em diferentes espaços. O capitalismo é por excelência um produtor de crises, porque os capitalistas devem agir de acordo com as ordens e a vontade do capital.

O fenômeno das crises ocorre sempre que estão em curso grandes transformações, principalmente tecnológicas, pois estas têm o poder de mexer com as relações das forças produtivas e das relações sociais de produção.

Assim ocorreu quando surgiu a máquina a vapor, depois com a eletricidade. Com o tempo estes inventos vão sendo "domesticados" e acaba por se generalizar seu uso, impondo, é claro, sistemas de vida e de relações que o capital seja sempre favorecido.

O problema que enfrentamos hoje, mais do que no passado, é que o capital busca cada vez mais lucro em diferentes áreas. Nada mais se move se não tiver ganhos. Mais do que nunca o capital exige lucros para desenvolver-se e reproduzir-se, obrigando as sociedades a aprovar leis que lhes assegure "direitos".

Hoje, vem em primeiro lugar os direitos do capital, depois os direitos do ser humano. Com isso patenteiam-se os inventos para que as grandes corporações econômicas se sintam tranquilas atrás das muralhas legais, significando que este campo já está dominado e ninguém pode entrar.

Foi assim que lentamente o capital e os capitalistas foram perdendo a noção da ética e tudo passou a ser válido, menos deixar de ter lucro, explorar, saquear, sacrificar, para que as grandes potências mantenham a dominação sobre os pobres.

Vivemos uma situação onde a tecnologia facilita o progresso com diminuição do esforço físico no trabalho, e por outro lado, as pessoas vão ficando sem trabalho e sem condições de reivindicar, pois desaparece a figura física do culpado ou responsável.

Em períodos eleitorais se levantam grandes contingentes de massas acreditando nas promessas dos candidatos que irão garantir empregos. Mas chega o dia da eleição e o eleito, como se entrasse em outro mundo, inicia os trabalhos facilitando o aprofundamento ainda maior da tecnologia em detrimento do trabalho humano. Os eleitores, após a eleição, deixam de ser eleitores e voltam a ser seres explorados, excluídos e desqualificados que nem os governantes nem o capital os querem tocar.

O governante embarca na nave estatal e se distancia das pessoas, dos jegues que montou durante a campanha, das feiras onde comia pastel sem usar guardanapo, e vai deleitar-se nos braços do capital, gerenciando o modelo imposto pelas ricas potências.

Podemos então perguntar, quais foram os problemas que o capitalismo resolveu? Na verdade os problemas se agravam cada vez mais e desta forma os lutadores do povo precisam acreditar

na possibilidade de fazer as coisas acontecer de outra forma. A utopia está viva na linha do horizonte.

Os avanços tecnológicos facilitam muito as coisas mas concentram cada vez mais renda e excluem cada vez mais o ser humano, limitando-lhes as alternativas de sobrevivência. Isso porque o capital não reinveste seus lucros para beneficiar e re-produzir o trabalho humano, ao contrário, investe em mais tecnologia distanciando-se ainda mais do ser social, que não entenderá mais a linguagem da tecnologia e se sentirá culpado por não ter estudado e por não cumprir com os requisitos básicos exigidos pelos empregadores.

É a ideologia do capital que agora transforma as vítimas em culpadas para que estas não reajam e não cobrem, pois a "culpa é sua" por estar desempregado.

O capital sempre se sustentou sobre três aspectos: matéria prima extraída da natureza, força de trabalho e meios de produção. Na atualidade vemos que há muitos investimentos em meios de produção, mas está acabando com o trabalho humano e com a natureza de onde vem as matérias primas, significando que este modelo de economia não serve, pois as máquinas jamais poderão repor o que o modelo destruiu: as relações humanas fraternas, o equilíbrio ecológico e a harmonia planetária entre todos os seres vivos de todas as espécies.

Desta forma o ser humano vai perdendo espaço pela tecnologia e pela ganância do capital, facilitada pela irresponsabilidade dos governantes. Passamos de atores a espectadores, como se a pouco tempo estivéssemos no palco e agora nos vemos sentados na platéia sem poder entrar em cena.

O capital e a tecnologia "tudo resolvem". Basta acionar o computador e teremos informações do assunto que quiser. Se gostamos de algum produto é só ligar e fornecer o número do cartão de crédito e recebemos o produto em casa. Não precisamos mais de vizinhos, nem de sindicatos.

O monstro mostra sua cara através de mil possibilidades e faz com que as pessoas, mesmo não podendo buscar nada do

que ele promete, fiquem extasiadas em frente aos televisores a espera da solução de seus problemas.

Participar, criar referências organizativas para que as pessoas possam se encontrar, discutir seus problemas; reagir de modo organizado contra os verdadeiros responsáveis; elevar o nível de consciência e propor-se a mudar o modelo de sociedade onde as pessoas coloquem a tecnologia a seu serviço e a busca do bem estar de todos os seres humanos, é o início para reanimar a utopia, iniciando a implantação de aspectos concretos deste plano abstrato.

A utopia continua atualíssima para os lutadores do povo. Somente ela tem este poder de antecipar, em forma de projeção, a sociedade futura que queremos construir. Este é o conteúdo de nossa causa. Vivenciá-lo por antecipação somente conseguiremos através da mística.

A utopia é a perspectiva abstrata e concreta que temos para realizar o socialismo de nosso modo, que sairá com imperfeições, mas que a persistência utópica nos impulsionará sempre para aperfeiçoá-lo. Não há porque temer. Tudo o que fizermos servirá para reduzir esforços de nossos descendentes que darão seqüência a este sonho utópico da libertação total do ser humano.

10º – O valor dos símbolos

As pessoas se enxergam e se identificam através dos símbolos. Símbolos que tenham significado coletivo e que estejam dentro da ética e a serviço da construção da dignidade humana. Mais do que nunca é fundamental que se recupere e se desenvolva no imaginário e na prática social a importância dos símbolos para fazer frente ao processo de alienação e despolitização das relações sociais.

A ideologia burguesa, por estar em pleno desenvolvimento da era do descartável, procura fazer crer que tudo tem sentido limitado e as coisas perdem seu significado rapidamente.

As propagandas eletrônicas criam um sentimento de superação imediata. Mal o rapaz compra um carro, logo vem a

propaganda de um modelo mais atualizado. Os computadores vão sendo superados por outros numa velocidade incontrolável. Os eletrodomésticos, as roupas e calçados, com suas cores exóticas, já não se superam de uma estação para outra, mas dentro da própria estação.

Este sentimento de "ultrapassagem" é que faz as pessoas ficarem obcecadas pelos novos lançamentos. Os shopping simbolizam a atualização em tudo. Quem quiser saber o que há de novo em qualquer item de consumo, é só procurar o mercado central, ali estão à disposição todos os inventos.

Este sentimento do descartável irá arraigar-se e passará a fazer parte da consciência social, com naturalidade, fora da ética e dos valores. O perigo maior é quando a indiferença pelo descarte atingir as relações humanas e o próprio ser humano. Já ninguém reage por ver o desempregado, mendigos nas ruas, crianças abandonadas, pois isso é "material" do dia anterior.

É fundamental que os lutadores do povo mantenham vivos os símbolos que dão identidade a nossa cultura, a nossas organizações. Os símbolos podem se apresentar e estarem relacionados com diferentes aspectos materiais, espirituais, culturais, estéticos etc..

Nas organizações temos as bandeiras, os hinos, os jornais, as ferramentas de trabalho, os chapéus. Na arte temos músicas, folclores, vestuários, culinária regional. No trabalho temos os instrumentos. Na religião, a cruz e demais símbolos. Tudo faz parte da cultura que compõe a vida de nossa sociedade.

É fundamental prestar atenção e preservar o que nos identifica e o que nos mantém vinculados ao passado. As cores tem significado simbólico muito importante que identificam os povos e suas tradições, seja na pintura do corpo para as guerras no caso dos povos indígenas, seja no uso de lenços vermelhos no pescoço, seja nas bandeiras vermelhas da Comuna de Paris e de todas revoluções. A classe dominante procura relativizar as cores ou atacá-las quando percebe que elas representam mais do que cores e reproduzem ideologia. As atacam no sentido de

quebrar a unidade entre as pessoas e confundi-las ideologicamente.

Resgatar os símbolos, mantê-los em evidência, preservá-los e dar conteúdo e significado aos que vão nos identificando, como a terra, a água, o ar, o fogo, as montanhas, e fundamentalmente considerar os seres humanos o principal símbolo para a organização igualitária da sociedade.

Concluindo

O ser humano tem a capacidade de estabelecer objetivos e de alcançá-los como se fosse pássaro buscando no vôo o infinito.

Os ricos querem transformar a águia que temos dentro de nós em galinhas para que não voemos em busca da conquista do universo, como imaginava o camponês que capturou um filhote de águia e o pôs junto com as galinhas, na fábula africana que nos é contada por Leonardo Boff:

"Certa vez um camponês encontrou no campo um filhote de águia bastante enfraquecido, tomou em suas mãos, levou-o para casa, e após tê-lo recuperado, o colocou para viver junto com as galinhas em seu terreiro. Ali cresceu.

Um dia, passando por ali um sábio, ao ver a ave, indagou:

- Esta aí junto com as galinhas é uma águia, não é?
- Era, - disse o camponês. Mas ela virou galinha.

Nunca voou e também não voará porque virou galinha!
- Mas ela tem dentro de si a capacidade de voar, - disse o sábio.

- Não voará - retrucou o camponês, - ela virou galinha!
- Vamos então fazer a prova.

Tomaram a águia nos braços e foram para o alto de um penhasco para tirar a dúvida. O sábio tomou a ave, mostrou-lhes a direção do sol e a lançou para o alto.

*De início a águia começou
a cair como se fosse arrebentar-se no desfiladeiro, mas aos
poucos começou a mover as asas e a equilibrar-se um tanto
desajeitada, e começou a subir como se quisesse beijar o sol.*

*Disse então o sábio: Uma águia jamais poderá ser
transformada em galinha. Mesmo que permaneça no
chão por muito tempo, ela manterá dentro de si
o poder de voar, basta apenas que descubra
e desperte para isso”.*

Que cada lutador do povo desperte a águia que tem dentro de si e parta para despertar as demais águias que existem em cada trabalhador brasileiro, transformados em galinhas pelo capital e pela repressão, simplesmente para que não tenham a vontade e a coragem de voar e ver o infinito.

Outros valores devemos sempre praticar como o respeito, a persistência, o companheirismo, a humildade... No caminhar paciente eles aparecerão, basta que estejamos atentos.